



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ADJANE MELO DA SILVA

**PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA
ENVOLVENDO O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

RECIFE

2019

ADJANE MELO DA SILVA

**PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA
ENVOLVENDO O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia, orientada pela Prof^a. Dr^a. Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral.

RECIFE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586p

Silva, Adjane Melo da

Produção de textos escritos a partir de uma sequência didática envolvendo o gênero história em quadrinhos / Adjane Melo da Silva. - 2019.
74 f. : il.

Orientadora: Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral.
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2019.

1. História em quadrinhos. 2. Textos escritos . 3. História local. I. Cabral, Ana Catarina dos Santos Pereira, orient. II. Título

CDD 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

ADJANE MELO DA SILVA

PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA ENVOLVENDO O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Data da Defesa: 26/11/2019

Horário: 10 horas

Local: Sala 6b do DED - UFRPE

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral / UFRPE

Prof^a. Dr^a. Fabiana Cristina da Silva / UFRPE

Prof^a. Dr^a. Sandra Helena Dias de Melo / UFRPE

Resultado: Aprovada

Reprovada

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, autor da vida, aquele que escreveu e oportunizou-me viver essa trajetória pessoal e acadêmica tão linda. Como diz o grande escritor Augusto Cury (2007), “agradeço a Deus por me emprestar diariamente o coração que pulsa, o oxigênio que respiro, o solo em que caminho e milhões de itens para que eu exista” (p. 6).

Agradeço especialmente aos meus pais, Josefa e Antônio, pessoas simples e honestas, que sem sombra de dúvidas foram os meus primeiros professores, ensinando-me valores humanos e princípios éticos inegociáveis. As contribuições dos meus pais foram fundamentais para a minha formação como pessoa íntegra, e para o meu caminhar como discente de graduação.

Também sou grata às minhas irmãs, por toda afetividade e por apoiar-me em todas as esferas da minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral, por ser tão prestativa e dedicada em sua missão de orientar. Gratidão por todas as instruções, correções e companheirismo durante esta pesquisa.

Também sou eternamente grata a Michelle Rosas, professora da rede municipal do Recife e minha ex-supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Agradeço por ter embarcado neste trabalho de pesquisa e ter contribuído para o desenvolvimento do mesmo.

Agradeço a querida professora do Departamento de Educação, Fabiana Cristina da Silva, por ter sido tão importante durante o engatinhar deste trabalho de pesquisa.

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Sandra Helena Dias de Melo, por ter aceitado compor a banca examinadora desta monografia.

Agradeço a todos que fazem parte da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em especial, aos membros do Departamento de Educação, que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação. A UFRPE é realmente uma instituição de ensino comprometida com o desenvolvimento humano e com o progresso social. Espero retornar a essa instituição em outras etapas da minha formação.

Por fim, agradeço aos amigos da rural, aqueles cujos quais, criei laços que jamais quero desatar.

“O gosto pela escrita cresce à medida que se escreve.”

(Erasmus de Rotterdam)

RESUMO

Esta monografia originou-se a partir do seguinte problema de pesquisa: Quais as habilidades de escrita dos estudantes e os conhecimentos que eles apresentam em relação ao gênero textual história em quadrinhos? Diante do exposto, tivemos como objetivo geral: analisar a produção de textos de uma turma do 4º ano, a partir de uma sequência didática envolvendo o trabalho com histórias em quadrinhos. Esta pesquisa é relevante, pois proporciona aos educadores conhecimentos sobre os procedimentos metodológicos necessários à formação de produtores de textos e aborda um gênero textual facilitador da aprendizagem da leitura e da escrita, aspecto tão importante em nossa sociedade grafocêntrica. Em seu corpo teórico, esta monografia traz uma discussão sobre a produção de textos escritos. Além disso, aborda o surgimento histórico do gênero textual história em quadrinhos e da sua relação com a educação. Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizou-se uma abordagem qualitativa, partindo de uma pesquisa-ação com estudantes do 4º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal do Recife. Primeiramente aplicou-se uma diagnose inicial, para verificar as habilidades de escrita dos estudantes e os seus conhecimentos sobre o gênero textual história em quadrinhos. Em seguida, aplicou-se uma sequência didática visando produzir com os estudantes histórias em quadrinhos sobre a cidade do Recife. Com este estudo, verificou-se que os estudantes já possuíam alguns conhecimentos prévios em relação às histórias em quadrinhos, sendo capazes de identificar elementos básicos que caracterizam esse gênero. Porém, constatou-se que eles apresentaram dificuldades em relação à produção de textos escritos, problemas ortográficos, ausência de pontuação, frases iniciadas com letras minúsculas e dificuldades de criação e seleção de ideias. Concluiu-se que apesar das crianças terem dificuldades de escrita, quando elas são inseridas em práticas de escrita significativas e recebem auxílio necessário do docente, elas avançam em relação à escrita.

Palavras- chave: História em quadrinhos. Textos escritos. História local.

ABSTRACT

This monograph originated from the following research problem: What are the writing skills of students and the knowledge they present in relation to the textual genre? Given the above, we had as a general objective: to analyze the production of texts of a 4th grade class, from a didactic sequence involving the work with comics. This research is relevant because it provides educators with knowledge about the methodological procedures necessary for the formation of text producers and deals with a textual genre that facilitates the learning of reading and writing, an aspect so important in our graphocentric society. In its theoretical body, this monograph brings a discussion about the production of written texts. In addition, it deals with the historical emergence of the textual genre Comics and its relationship with education. As for the methodological procedures, a qualitative approach was used, starting from an action research with students of the 4th grade of elementary school of a municipal school in Recife. Firstly, an initial diagnosis was applied to verify the students' writing skills and their knowledge about the comic textual genre. Then, a didactic sequence was applied aiming to produce with the students comics about the city of Recife. With this study, it was found that the students already had some previous knowledge in relation to comics, being able to identify basic elements that characterize this genre. However, it was found that they had difficulties in the production of written texts, spelling problems, lack of punctuation, sentences starting with lowercase letters and difficulties in creating and selecting ideas. It was concluded that although children have writing difficulties, when they are inserted in significant writing practices and receive necessary help from the teacher, they advance in relation to writing.

Key-words: Comics. Written texts. Local history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: texto com problema ortográfico. | 43 |
| Figura 2: texto que traz a palavra emparedada escrita incorretamente. | 43 |
| Figura 3: Quadrinho que representa quebra de ideias textuais..... | 48 |
| Figura 4: Quadrinho que também representa quebra de ideias textuais. | 49 |
| Figura 5: Capa de uma HQs produzida por determinada dupla. | 51 |
| Figura 6: HQs que prioriza a linguagem visual..... | 53 |
| Figura 7: HQs que prioriza a linguagem visual..... | 54 |
| Figura 8: HQs que apresenta desestrutura no gênero..... | 55 |
| Figura 9: HQs que apresenta desestrutura no gênero..... | 55 |
| Figura 10: Quadrinho contendo onomatopeia..... | 56 |
| Figura 11: Quadrinho que cita a figura histórica “Maurício de Nassau” | 58 |
| Figura 12: Quadrinho que menciona o nome de Maurício de Nassau..... | 59 |
| Figura 13: Quadrinho que fala sobre os conflitos entre portugueses e holandeses..... | 60 |
| Figura 14: Quadrinho que fala sobre expulsão dos holandeses. | 61 |

LISTA DE QUADRO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Quadro 1 - Categorização dos aspetos encontrados nos textos dos estudantes. | 47 |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----------|

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO I: A PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS NO CONTEXTO ESCOLAR E EXTRA-ESCOLAR: UMA ATIVIDADE QUE ENVOLVE ASPECTOS SOCIAIS, COGNITIVOS E LINGUÍSTICOS | 15 |
| CAPÍTULO II: O SURGIMENTO HISTÓRICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO | 23 |
| 2. OS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM O GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHOS | 29 |
| CAPÍTULO III: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 35 |
| 3. Natureza, meios e instrumentos da pesquisa..... | 35 |
| 3.1 Universo pesquisado | 36 |
| 3.2 Sujeitos pesquisados | 37 |
| 3.3 Metodologia de análise | 37 |
| CAPÍTULO IV: OS RESULTADOS ENCONTRADOS A PARTIR DESTA PESQUISA | 39 |
| 4. ANÁLISE DA DIAGNOSE | 39 |
| 4.1 Gênero textual de preferência dos estudantes..... | 39 |
| 4.2 Conhecimentos sobre o gênero textual história em quadrinhos..... | 41 |
| 4.3 Produção de textos escritos a partir do tema “A História Local do Recife” | 42 |
| 5. ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA | 45 |
| 6. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PRODUZIDAS PELAS CRIANÇAS | 46 |
| 6.1 Aspectos referentes à produção de textos escritos..... | 48 |
| 6.2 Aspectos referentes ao gênero textual história em quadrinhos..... | 52 |
| 6.3 Aspectos sobre o tema trabalhado: história local do Recife | 57 |
| 7. CONCLUSÃO | 63 |
| REFERÊNCIAS | 65 |
| APÊNDICE A - MODELO DA DIAGNOSE QUE FOI APLICADA NO INÍCIO DA PESQUISA | 67 |
| APÊNDICE B - TEXTO BASE QUE FOI ENTREGUE AOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA | 69 |
| APÊNDICE C - SEQUÊNCIA DIDÁTICA UTILIZADA NO DECORRER DESTA PESQUISA | 72 |
| APÊNDICE D - FOTOS DOS ESTUDANTES PRODUZINDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS | 75 |

INTRODUÇÃO

A monografia intitulada “Produção de textos escritos a partir de uma sequência didática envolvendo o gênero história em quadrinhos”, traz uma abordagem sobre a produção de textos escritos no espaço escolar e extraescolar. Além disso, apresenta os procedimentos que devem ser utilizados pelos docentes para formar produtores de textos proficientes. Em seguida, é apresentado um resgate histórico sobre o gênero textual história em quadrinhos e a sua relação com a educação, discutindo também, sobre os elementos que caracterizam esse gênero textual. Estabelecemos esta articulação entre a produção de textos escritos e o gênero história em quadrinhos, pois nos documentos oficiais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Língua Portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apontam que é possível estimular a produção de textos escritos através desse gênero textual supracitado.

Segundo Silva e Melo (2007), produzir textos escritos é um ato complexo, pois envolve processos sociais, cognitivos e conhecimentos linguísticos. Afirma-se que a escrita é uma atividade social, pois por meio dos textos escritos conseguimos interagir com diferentes interlocutores e apresentamos para cada texto escrito finalidades variadas. A escrita também se caracteriza como uma atividade cognitiva e linguística, pois, para escrever um texto, o sujeito precisa organizar suas ideias sobre o tema, selecionar vocábulos, atentar para as normas gramaticais de concordância, usar recursos coesivos, revisar o material escrito, etc. Portanto, para que os estudantes escrevam com tranquilidade e autonomia, a escola precisa promover com frequência atividades de produção de textos que faça uso de diferentes estratégias de escrita.

Quanto à história em quadrinhos, Paiva (2017) diz que ela existe desde a idade média, sendo representada naquela época pelos desenhos rupestres, servindo como uma forma de comunicação para os sujeitos que viviam naquele tempo. Posteriormente as HQs¹ foram vistas na história da humanidade como um material ofensivo para a educação de crianças e adolescentes, acusada de disseminar ideologias impróprias para esses sujeitos, sofrendo, assim, severas perseguições e

¹HQs é a abreviação do termo história em quadrinhos. No decorrer deste trabalho utilizaremos esta abreviação em muitos momentos.

restrições. Porém, com o passar do tempo, a sociedade foi tendo outra visão em relação às HQs e esta foi alcançando aceitabilidade também na educação, ganhando espaço nos documentos oficiais, como nos PCN's, sendo apresentada como um gênero textual facilitador da aprendizagem, e que pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, promovendo a aprendizagem sobre diversas áreas do conhecimento.

Por sua vez, afirmamos que o despertar em realizar um trabalho de pesquisa nessa linha temática surgiu através de três diferentes situações. Inicialmente, podemos afirmar que a disciplina optativa “Histórias em Quadrinhos e Educação” ofertada no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE, possibilitou uma aproximação e reflexão sobre a importância das HQs como material educativo, despertando certo gosto em estudar mais profundamente esse assunto. A leitura do livro intitulado “Histórias em Quadrinhos na Educação” publicado no ano de 2017, pelo escritor e grande estudioso da área Fabio Paiva, acentuou ainda mais o interesse em pesquisar sobre o tema. Por fim, o último motivo que impulsionou a escolha deste tema, refere-se à reflexão que aconteceu sobre o gênero textual história em quadrinhos durante uma preparação de atividade para ser realizada no PIBID².

Os estudos sobre a formação de produtores de textos escritos e o gênero textual histórias em quadrinhos na educação possuem relevância pessoal, acadêmica e social. Quanto à razão pessoal, afirmo que foi importante para mim, enquanto futura pedagoga, ter realizado uma pesquisa que me proporcionou conhecimentos sobre os procedimentos metodológicos necessários para formar estudantes produtores de textos escritos. Sobre as HQs, defendo que foi importante para mim, conhecer mais detalhadamente esse gênero textual facilitador da aprendizagem. Acredito que esses conhecimentos contribuirão de maneira positiva para a minha prática docente. Quanto à relevância acadêmica, defendemos que é importante a circulação no meio acadêmico de estudos voltados para esta temática, pois é enriquecedor para os profissionais da educação (especialmente Licenciandos em Pedagogia e em Língua Portuguesa) ter acesso aos materiais que trazem uma abordagem sobre a formação de produtores de textos, tendo em vista que

²**PIBID** - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, desenvolvido pela CAPES, em parceria com universidades públicas e privadas, oferecendo bolsas aos estudantes de licenciaturas e inserindo os mesmos nas escolas da educação básica.

profissionais dessas áreas são responsáveis por fazer com que os estudantes se apropriem da escrita, e para que essa apropriação ocorra primeiramente os professores devem dominar os procedimentos necessários para formar produtores de textos escritos. Referente às histórias em quadrinhos, afirmamos que é importante que os pedagogos e licenciados em outras áreas tenham conhecimento sobre essa ferramenta pedagógica, pois através da utilização das histórias em quadrinhos, esses profissionais podem promover situações de ensino e de aprendizagem. Além disso, acrescentamos que os educadores precisam se apropriar de ferramentas educativas que sejam prazerosas e que contribuam significativamente para a educação. Por fim, defendemos que o avanço de pesquisas nessa linha temática e a execução das mesmas por parte dos profissionais da educação trará contribuições sociais, pelo fato de habitarmos em uma sociedade grafocêntrica, na qual se faz necessário aos sujeitos o desenvolvimento do domínio da leitura e da escrita. Por sua vez, as HQs se apresentam como um importante material educativo, pois possibilita aos indivíduos desde a infância o contato com a linguagem escrita, contribuindo assim, para a formação de leitores e escritores. As histórias em quadrinhos, por exemplo, são ricas em linguagem visual e verbal, apresentando-se como um importante material que pode contribuir para a alfabetização das crianças. Além disso, as histórias em quadrinhos podem trazer de forma lúdica, abordagens sobre temas diversos, possibilitando a ampliação dos conhecimentos e a criticidade dos leitores.

Ressaltamos que a presente monografia buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais as habilidades de escrita dos estudantes e os conhecimentos que eles apresentam em relação ao gênero textual história em quadrinhos? A partir dessa problemática teve como **objetivo geral**: analisar a produção de textos de uma turma do 4º ano, a partir de uma sequência didática envolvendo o trabalho com histórias em quadrinhos. E como **objetivos específicos**: avaliar através de uma diagnose inicial as habilidades de escrita dos estudantes e os conhecimentos que eles apresentavam em relação ao gênero textual histórias em quadrinhos; planejar e aplicar uma sequência didática envolvendo a produção de textos escritos a partir do gênero textual história em quadrinhos; identificar os conhecimentos que foram construídos pelos estudantes ao longo da sequência didática.

CAPÍTULO I: A PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS NO CONTEXTO ESCOLAR E EXTRAESCOLAR: UMA ATIVIDADE QUE ENVOLVE ASPECTOS SOCIAIS, COGNITIVOS E LINGUÍSTICOS

Produzir textos escritos é uma atividade complexa que envolve aspectos sociais, cognitivos e linguísticos, exigindo do escritor certas habilidades que podem ser desenvolvidas a partir do trabalho com a produção de textos. Além de a escrita estar presente no espaço escolar, ela permeia outros espaços sociais, sendo de suma importância para que possamos nos comunicar com outros sujeitos. Segundo Leal e Melo (2007), a produção de textos escritos é uma atividade de interação social, pois através dos textos escritos somos capazes de interagir com diferentes sujeitos e conseqüentemente conseguimos agir socialmente. Tanto no ambiente escolar como no contexto extraescolar, participamos de diferentes situações de escrita. No nosso cotidiano é bem comum escrevermos para interagirmos com outros sujeitos, por meio de e-mails, entre outros gêneros. Existem também, situações de escrita que servem para a construção e sistematização de conhecimentos, exemplo disso é quando fazemos resumos e anotações sobre determinados temas. Esta situação de escrita é muito utilizada no ambiente escolar e acadêmico. Além disso, também fazemos uso da escrita em situação de automonitoramento, por exemplo, quando registramos em agendas nossos compromissos diários. Acrescentando-se a isso, a escrita também se faz presente em situações de autoavaliação, ou seja, quando utilizamos a escrita para expressar nossos sentimentos e emoções e conseqüentemente refletirmos e reavaliarmos nossas ações, isso é possível através da escrita de carta pessoal, diários e poemas. De acordo com Silva e Melo (2007):

Escrever constitui, então, um modo de interação social entre as pessoas. Quem escreve, escreve sabendo para que e para quem está escrevendo, isto é, tem sempre uma finalidade e um interlocutor, ainda que essa escrita destine-se a si mesmo” (p. 30).

Silva e Melo (2007) defendem que a escrita além de ser uma atividade social, tendo em vista que todo texto escrito apresenta finalidades e destinatários específicos. Ela também é uma atividade cognitiva que, além disso, requer conhecimentos linguísticos. O escritor precisa produzir e selecionar as ideias que serão apresentadas no texto, organizar sequencialmente as informações no texto e revisar o que está sendo e já foi escrito. Além disso, o escritor também precisará

escrever as palavras ortograficamente corretas, pontuar adequadamente, utilizar recursos de coesão e coerência, fazer uso das normas gramaticais de concordância, entre outros aspectos necessários para a produção de textos escritos. Nas palavras dos autores supracitados:

O escritor se depara com a necessidade de gerar e selecionar ideias e conteúdos, de organizar linguisticamente tais ideias e conteúdos - o que envolve escolhas linguísticas apropriadas (textualização) - e de registrar o texto, de modo que ele atenda à finalidade e aos interlocutores visados. Para isso, o produtor de textos necessita acionar uma série de conhecimentos (SILVA & MELO, 2007, p. 37).

Tendo em vista a complexidade de se produzir textos escritos e cientes da importância dos textos escritos para interagirmos socialmente devido ao fato de vivermos em uma sociedade grafocêntrica, faz-se necessário que os professores estimulem a produção de textos escritos em todas as etapas e níveis de escolaridade. Leal e Melo (2007) alegam que:

(...) para ensinar a elaborar textos, é fundamental propiciar muitos e variados momentos de escrita de textos e, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, dar atenção especial ao sistema alfabético de escrita, sem que sejam deixados de lado os momentos de produção de textos coletivos e em grupos (2007, p. 15).

Silva e Melo (2007) fazem uma crítica ao ensino de produção de textos escritos que acontece no ambiente escolar. Os autores alegam que a escrita escolar tem se distanciado das situações reais de escrita, ou seja, da escrita que acontece no nosso dia a dia. Quando fazemos uso de diversos gêneros textuais, escrevemos com finalidades variadas e para diversos interlocutores. Para os autores citados acima, muitas vezes a produção escrita realizada na escola não apresenta finalidades diversas e tem o professor como único interlocutor. Por vezes, a escrita escolar acaba sendo apenas para os estudantes aprenderem a escrever de maneira mecânica e não para eles utilizarem a escrita para interagir socialmente. Silva e Melo denominam a escrita que acontece na escola como “escrita artificial”. Para reforçar o seu posicionamento os autores recorrem aos argumentos de Magda Soares que chama de “(des)aprendizagem das funções da escrita” o ensino de produção de textos escritos que vem acontecendo no contexto escolar. Nas palavras de Soares (2004, p.73 *apud* SILVA & MELO, 2007, p.33): “Enquanto aprende a usar a escrita com as funções que a escola atribui a ela, e que a transformam em uma interlocução artificial, a criança desaprende a escrita como situação de interlocução real”.

Sobre a aprendizagem da escrita, Leal e Melo (2007) esclarecem que a leitura é de suma importância para que os estudantes escrevam melhor. As autoras ressaltam que nem sempre um bom leitor, será um bom escritor, mas as diversas leituras que realizamos ao longo da vida nos auxiliam no momento da escrita. Recorremos à leitura de outros textos para ter o que dizer nos nossos escritos, por exemplo, quando precisamos escrever sobre determinado tema, é comum recorreremos à leitura de obras que abordem sobre tal tema, para fundamentar a nossa escrita. Trazemos sempre para os nossos textos discussões presentes em outros textos, pois conforme afirma Júlia Kristeva (1969), “Todo texto se constrói como mosaico de citações e é absorção e transformação de um outro texto” (p.146). Além disso, através da leitura, entramos em contato com diversas palavras, ampliando assim o nosso vocabulário e conseqüentemente contribuindo para uma escrita mais rica e rebuscada. Vale ressaltar também que é através das diversas leituras que realizamos que nos apropriamos das características dos gêneros textuais que circulam em nossa sociedade, esse contato faz com que nos tornemos aptos a produzir textos escritos com tais características, exemplo, para produzir um manual de instruções, precisamos dominar as características desse gênero textual. Por todos esses motivos mencionados, afirmamos que a leitura é importante para o processo de produção de textos escritos. Por sua vez, Leal e Brandão (2007) defendem que além do ensino de produção de textos escritos ser articulado com o eixo da leitura, ele também deve ser articulado com os outros eixos de ensino da Língua Portuguesa, assim como, a linguagem oral e a análise linguística.

Em relação ao ensino de produção de textos escritos, Leal e Brandão (2007) alegam que os professores precisam desenvolver objetivos atitudinais e procedimentais. Tratando-se dos objetivos atitudinais, as autoras relatam que muitos estudantes têm medo de escrever, demonstrando receio em expressar no papel suas ideias. Um dos fatores que faz com que os estudantes tenham receio de escrever refere-se à desvalorização do seu modo de falar, por ter a sua fala desvalorizada e tida como “errada”, esses estudantes acreditam que também escreverão errado e que não têm competência para produzir textos escritos de qualidade, por isso faz-se necessário que durante o ensino de produção de textos escritos os professores contemplem objetivos atitudinais, contribuindo para que esses estudantes possam desenvolver autoestima, autonomia e segurança principalmente no momento da escrita. No dizer de Leal e Brandão (2007):

Assim, temos que considerar, no cotidiano da sala de aula, objetivos que levem os alunos a perder o medo de escrever, a valorizar suas variedades linguísticas e a reconhecer as diferenças entre diversos contextos de interlocução, apropriando-se, gradativamente, das formas prestigiadas que são usadas na sociedade em diferentes situações de interação, sobretudo as medidas por textos escritos (p. 49).

Embora estejamos acostumados a escrever no nosso dia a dia, algumas pessoas têm traumas e medos quando são submetidas à situação de escrita escolar. Esses traumas e medos são provenientes da maneira que a produção de textos escritos vem sendo ensinada nas escolas, geralmente os gêneros textuais que utilizamos com frequência no nosso cotidiano não são trabalhados na escola, e quando são não apresentam funcionalidade, sendo apresentados de forma artificial e descontextualizada. Conforme Albuquerque e Leal (2007) existem produção de textos específicos do contexto escolar, dentre eles, podemos citar os resumos, os esquemas, as anotações, as redações e outros. Na escola são priorizados esses textos em detrimento de outros. Somando-se a isso, a maneira que os textos são corrigidos muitas vezes deixa marcas profundas nos estudantes, exemplo disso, são os textos com correções feitas de caneta vermelha, destacando os erros ortográficos, entre outros, sem despertar nos estudantes uma reflexão sobre a sua escrita e sem promover avanços na sua forma de escrever.

Após discutir sobre os objetivos atitudinais, precisamos discorrer sobre os objetivos procedimentais que devem ser desenvolvidos durante o ensino de produção de textos escritos. Para isso recorreremos novamente a Leal e Brandão (2007), elas afirmam que:

O autor precisa aprender a selecionar o que vai ser dito, ativando os conhecimentos disponíveis em sua memória ou pesquisando em fontes diversas; organizar o conteúdo em uma sequência que seja adequada para os objetivos pensados; textualizar, ou seja, construir sequências linguísticas (períodos, orações) adequadas às finalidades e destinatários; selecionar vocabulário adequado ao contexto; dividir, quando necessário, esse conteúdo em partes (paragrafar o texto). (...) e revisar o texto continuamente, retomando o que já foi dito e planejando o que virá em seguida (p. 52).

Quando falamos sobre a produção de textos escritos, não podemos deixar de abordar sobre a revisão textual, aspecto muito importante que deve ser considerado no processo de produção textual e que resulta na formação de escritores proficientes, produtores de textos bem escritos, coerentes e de alta qualidade. Conforme Brandão (2007), outrora não nos era comum ouvir os termos revisão,

refacção e reescrita, em contrapartida o que prevalecia era o termo correção de textos. Porém, percebemos que na atualidade essas três expressões vêm ganhando aceitabilidade e sendo utilizada pelos professores. A correção de textos era uma tarefa incumbida exclusivamente ao professor, este, recolhia os textos produzidos pelos estudantes e apontava os erros, sem apresentar soluções e sem oportunizar a reescrita. A correção dos textos era basicamente para apontar os erros gramaticais e atribuir notas. Já na revisão textual, o professor e o estudante trabalham ativamente para que o texto seja melhorado. Por sua vez, o professor leva o estudante a refletir sobre a sua escrita, apontando os aspectos positivos e as lacunas encontradas no texto, sugerindo medidas para solucionar os problemas encontrados. Quando falamos em revisão textual, entendemos que o texto não é gerado em uma única versão, ele passa por um processo de construção, no qual pode ser melhorado constantemente. Ressaltamos que durante a revisão textual o produtor de texto tem a oportunidade de ler, reler, planejar e replanejar o texto, retirando, reescrevendo e acrescentando informações ao material escrito. No dizer de Brandão (2007):

Revisar um texto é torná-lo objeto de nossa reflexão, é pensar sobre o que foi e está sendo escrito e encontrar meios para melhor dizer o que se quer dizer, reelaborando e reescrevendo o já escrito. Nesse sentido, é preciso que aquele que escreve se desloque entre os papéis de escritor e possíveis leitores/interlocutores de seu texto, refletindo se seu escrito atende as suas intenções, bem como se está adequado à situação comunicativa em que ele se insere. É com base nessas informações que poderá, então, tomar decisões sobre como irá escrever e o que precisa (re)escrever (p. 120).

A autora ainda diz que alguns professores apresentam receio em realizar a revisão textual nos anos iniciais da escolarização, pois acreditam que seja uma tarefa complexa e ainda pouco dominada pelos aprendizes iniciantes. Porém, muitos autores (ver Abaurre et al.;2003; e Rocha, 1999) defendem que crianças em seus primeiros anos de escolarização já são capazes de realizar revisão em seus textos, exemplo disso, é quando as crianças apagam algumas palavras e trechos, acrescentam partes ao texto, fazendo tudo isso por iniciativa própria, sem a orientação dos professores.

Outro ponto que também merece ser comentado é sobre o momento em que deve ser realizada a revisão do texto. Embora muitas pessoas acreditem que a revisão textual é uma etapa final da produção de textos, defendemos que esse processo pode e deve acontecer durante e após a escrita do texto. Brandão (2007)

diz que a revisão do texto deve acontecer em “**processo**”, ou seja, quando estamos escrevendo textos, devemos fazer algumas pausas, para ler o que está sendo escrito, modificar as partes do texto que forem necessárias e planejar o que será dito a seguir. A autora também acrescenta que precisamos realizar a revisão textual do “**produto**”, esta consiste na leitura da versão final do texto, neste momento o escritor deverá refletir novamente se o seu texto está coerente, adequado ao interlocutor e a situação comunicativa na qual se encontra inserido. Além disso, deve verificar se o texto está de acordo com as normas ortográficas e gramaticais. E caso sejam encontradas algumas lacunas, a versão final pode ser modificada e melhorada, pois é para isso que serve a revisão textual, seja ela em processo ou do produto. Entretanto, alguns professores têm dúvidas sobre o que devem revisar no texto dos estudantes, se devem focar na coerência, na pontuação, na normatividade ou em outros aspectos. Brandão (2007) esclarece o seguinte:

Cremos que são vários aspectos que podem ser revisados em um texto. Um deles é sem dúvida, o “sentido do que foi escrito”, que, por sua vez, envolve a revisão da organização sequencial das ideias, a sua articulação com o tema do texto, os recursos coesivos utilizados o grau de informatividade apresentado pelo texto, as possíveis ambiguidades e a pontuação. Uma outra possibilidade de revisão diz respeito às questões de caligrafia, ortografia, uso de letras maiúsculas, separação de sílabas, uso de parágrafos, concordância verbal e nominal, bem como aspectos ligados à configuração espacial e organizacional do texto. Há que se revisar também os aspectos relacionados à adequação do texto, às finalidades propostas, avaliando o modo de dizer em função do(s) interlocutor(es) pretendido(s), gênero textual e possível portador para o texto a ser produzido (p. 124).

Portanto, devido à amplitude de todos esses aspectos mencionados acima, nem sempre o professor consegue revisar todos eles, nas produções textuais dos estudantes. Sendo assim, Brandão (2007) aconselha que o professor priorize na revisão textual, a coerência do texto, dando ênfase as ideias do autor e verificando se essas estão bem articuladas, tornando o texto compreensível ao leitor.

Outra discussão bastante interessante e que se aproxima muito da revisão textual que discutimos acima, diz respeito à avaliação do texto escrito. Quando abordamos sobre a produção de textos escritos no ambiente escolar, é importante falar sobre esse ponto específico. Sobre isso, Morais e Ferreira (2007) esclarecem que a avaliação do texto escrito vai depender da concepção de ensino e de aprendizagem adotada pelo professor. Enquanto alguns professores veem nos

textos escritos pelos estudantes, apenas uma oportunidade para medir a aprendizagem dos mesmos e atribuir nota ou até mesmo puni-los. Outros professores já apresentam uma concepção diferenciada, entendendo a avaliação textual como um momento oportuno para identificar os avanços e as dificuldades que os aprendizes apresentam, ajudando-os a progredirem na escrita. Os autores salientam também os aspectos que são priorizados na avaliação dos textos. Alguns professores, ainda presos em concepção de ensino e aprendizagem tradicional, avaliam nos textos dos estudantes apenas ortografia, pontuação e outros aspectos normativos. Já outros docentes, avaliam nos textos, as ideias do escritor, ou seja, o que está sendo dito no texto. Ressaltamos que avaliar as ideias e a coerência do texto é mais significativo do que avaliar apenas os aspectos normativos. Morais e Ferreira (2007) sugerem que durante o momento em que os professores estiverem avaliando os textos escritos pelos estudantes, eles devem avaliar a totalidade do texto, contemplando a adequação à situação de interação, textualidade e normatividade.

Por sua vez, Melo e Silva (2007) abordam como deve ser organizado o trabalho com produção de textos escritos no contexto escolar. Para esses autores, os professores devem oportunizar aos estudantes momentos de escrita individual, coletiva, em pequenos grupos e em dupla. O compartilhamento de conhecimentos que os estudantes realizam no momento da escrita coletiva, em dupla ou em pequenos grupos, é enriquecedor para a aprendizagem de produção de textos, tendo em vista que cada aprendiz encontra-se em níveis de escrita diferentes. Os autores também salientam que, quando a escrita for realizada por mais de uma pessoa, é importante que o professor verifique se todos os estudantes estão participando, além disso, faz-se necessário que o docente realize a divisão de papéis, ou seja, cada estudante deve ficar responsável por desenvolver uma função no momento da produção de texto, exemplo, enquanto um fica responsável por gerar as ideias do texto, outro fica responsável pelo registro e outro pela revisão. Na escrita coletiva a participação do professor também é importante, sobre isso os autores falam que:

(...) Ele pode, entre outras tantas coisas, discutir com os alunos sobre conteúdos a serem inseridos no texto, auxiliando-os na geração, seleção e organização desses conteúdos; analisar as melhores alternativas para expressar linguisticamente, de modo coerente e coeso, os conteúdos a serem tratados no texto; registrar, discutindo, se conveniente, questões relativas à ortografia,

pontuação, concordância gramatical, entre outras; discutir sobre a adequação das escolhas antes mencionadas à finalidade e ao interlocutor do texto. Desse modo, a produção coletiva de textos cria um espaço em que os alunos têm a oportunidade de observar o professor em ação (...) isso se torna relevante à medida que eles são expostos a um modelo de produtor de textos (MELO & SILVA, 2007, p. 90).

Para finalizar essa discussão, os autores supracitados sugerem que o trabalho com a produção de textos na escola, deve ser organizado de forma que diversifique as finalidades de escrita, os interlocutores e os gêneros textuais. Além disso, que as situações de escrita escolar devem se aproximar da escrita não-escolar.

Portanto, como fica explícito neste capítulo, o professor, ao trabalhar com a produção de textos escritos em sala de aula, deve selecionar um gênero textual específico para que assim haja por parte dos estudantes um aprofundamento e apropriação dos elementos que constituem tal gênero. No capítulo seguinte abordaremos o gênero textual história em quadrinhos e a sua relação com a educação. Além disso, discutiremos os elementos que caracterizam este gênero textual tão atrativo para as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e importante para a inserção das mesmas nas práticas de leitura e escrita.

CAPÍTULO II: O SURGIMENTO HISTÓRICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Segundo Paiva (2017), as histórias em quadrinhos surgiram como um meio de comunicação entre os nossos antepassados. Registros apontam que outrora os seres humanos já utilizavam desenhos organizados em sequências para transmitir mensagens aos demais sujeitos, essas representações consistem no que chamamos de desenhos rupestres. Segundo o autor supracitado:

Essa necessidade de comunicação está também presente nas sociedades modernas, na atualidade, apresentada nas instintivas representações de falas por meio de desenhos, feitas por crianças antes da alfabetização, por exemplo, crianças que se comunicam com desenhos em sequência, contando uma história, demonstram a presença de uma linguagem intuitiva em quadrinhos. Sem ainda saberem ler ou escrever, encontram na reprodução dos códigos e linguagem das HQs uma forma de transmitir suas ideias e de registrar seus pensamentos (p. 31).

Vergueiro *et al.* (2018) também afirma que as histórias em quadrinhos serviam como meio de comunicação para o homem primitivo, que registrava nas paredes das cavernas suas atividades através de uma sucessão de imagens. Porém, com o desenvolvimento humano, apenas o desenho tornou-se insuficiente para que os seres humanos pudessem comunicar suas ideias, então houve o surgimento dos primeiros alfabetos. “Ainda assim, a formulação dos primeiros alfabetos guardou estreita relação com a imagem daquilo que se pretendia representar, constituindo o que se conhece como escrita ideográfica” (VERGUEIRO *et al.*, 2018, p. 9). Com o surgimento do alfabeto fonético a comunicação através de desenhos foi perdendo espaço. Nas palavras dos autores:

O advento do alfabeto fonético fez com que a imagem passasse a ter menor importância como elemento de comunicação entre os homens (...). O novo sistema permitiu ampliar quase que ao infinito as possibilidades de composição e transmissão de mensagens e atingir um grau de comunicação que o desenho, isoladamente, não conseguia atingir. Por outro lado, vale lembrar que o acesso à palavra escrita ocorreu de forma paulatina, atingindo inicialmente apenas as parcelas mais privilegiadas da população, o que garantiu a permanência da imagem gráfica como elemento essencial de comunicação na história da humanidade (VERGUEIRO *et al.*, 2018, p. 9).

Por sua vez, os autores supracitados acrescentam que na atualidade as crianças utilizam com bastante frequência os desenhos para comunicar suas ideias. “Ainda hoje, as crianças começam muito cedo a transmitir suas impressões do mundo por meio de desenhos” (VERGUEIRO *et al.*, 2018, p. 9).

Quanto à definição conceitual, o gênero textual história em quadrinhos pode ser compreendido da seguinte maneira:

História em Quadrinhos é a forma de expressão artística que tenta representar um movimento através do registro de imagens estáticas. Assim, é História em Quadrinhos toda produção humana, ao longo de toda sua História, que tenha tentado narrar um evento através do registro de imagens, não importando se esta tentativa foi feita numa parede de caverna há milhares de anos, numa tapeçaria, ou mesmo numa única tela pintada. Não se restringem, nesta caracterização, o tipo de superfície empregado, o material usado para registro, nem o grau de tecnologia disponível (GUIMARÃES, 2010, p. 30 *apud* PAIVA, 2017, p. 33).

Por sua vez, Will Eisner (1985) define o termo história em quadrinhos como arte sequencial, que se utiliza de imagens e palavras para transmitir ideias. Ele também acrescenta que é possível contar uma história apenas utilizando de imagens, porém, é necessário maior atenção e sensibilidade por parte dos leitores para que a mensagem seja compreendida.

Ressaltamos que embora as HQs estejam presentes em escala global, e os seus primeiros registros de aparição, com a nomenclatura *histórias em quadrinhos* dizem respeito às obras de Ítalo-brasileiro: “As aventuras de Nhô Quim” (1869), e Richard Felton Outcalt responsável pela obra intitulada “O Menino Amarelo” (1895). Foram os Estados Unidos da América, o país responsável por popularizar as histórias em quadrinhos. Paiva (2017) afirma que “as HQs foram levadas a todo o mundo com força extraordinária a partir da primeira década do século XX, seja nas tiras de jornais, seja em revistas específicas” (p. 37).

Segundo Vergueiro *et al.* (2018), após a segunda guerra mundial houve uma grande produção de histórias em quadrinhos que abordavam temas sobre terror e suspense, isso provocou o surgimento de um movimento contrário às HQs. Além desse fator já mencionado, outros acontecimentos desencadearam uma não aceitação em relação às histórias em quadrinhos, e em alguns países houve proibição da circulação desse material. As HQs passaram a ser vistas com maus olhos, aqueles que eram contrários, alegavam que os conteúdos apresentados nas histórias em quadrinhos eram impróprios e prejudiciais para as crianças e

adolescentes, considerando-os maléficos para a educação desses sujeitos. Psicólogos, educadores, pais e até mesmo a igreja católica apresentaram aversão as HQs. O psiquiatra alemão Fredric Wertham foi um dos principais influenciadores da população quanto a não aceitação dessa arte sequencial, ele posicionava-se contrariamente e propagava um discurso que alegava a perversidade das histórias em quadrinhos.

Em suas campanhas difamatórias, nas rádios, em programas de televisão, em palestras nas escolas, o psiquiatra mostrava a violência, o erotismo e o sadismo contido nas histórias em quadrinhos (GUEDES, 2004, p. 44 *apud* PAIVA, 2017, p. 41).

De acordo com Vergueiro *et al.* (2018) o psiquiatra Fredric Wertham chegou a publicar artigos alertando sobre os efeitos negativos das histórias em quadrinhos, ele publicou em 1954 um livro denominado “A Sedução dos Inocentes”. “O psiquiatra tentava provar como as crianças que recebiam influência dos quadrinhos apresentavam as mais variadas anomalias de comportamento, tornando-se cidadãos desajustados na sociedade” (p.12). Tudo isso ocasionou um movimento contrário às histórias em quadrinhos, no qual pais e educadores realizaram atos de repúdio, queimando diversas HQs em praça pública. Segundo Paiva (2017), “pais que se consideravam “responsáveis” não permitiam que seus filhos lessem gibis” (p. 41). Sendo assim, as poucas HQs que poderiam ser usadas, deveriam conter um selo identificando sua apropriação para o público leitor.

Logo se as HQs não eram vistas com bons olhos diante da sociedade, tampouco eram utilizadas no campo educacional. Não acreditavam que as histórias em quadrinhos poderiam trazer ensinamentos e contribuir para educação dos sujeitos, sendo assim, as pesquisas na área eram encaradas como perda de tempo. Paiva (2017) diz que “os quadrinhos eram presença marginal nos ambientes escolares e eram tidos à época como uma diversão proibida. A presença de HQs era suspeita, especialmente na educação formal” (p. 69). Mesmo com toda restrição por parte dos pais e educadores, muitas crianças liam os quadrinhos escondidos em ambiente formal e não formal. Embora não aceita nas escolas, essa arte sequencial já circulava entre alguns estudantes, sendo compartilhadas por baixo das carteiras ou de outras formas que não estivesse no campo de visão dos educadores, pois, caso essa prática fosse presenciada por esses, tais estudantes receberiam punições. De acordo com Vergueiro *et al.* (2018) algumas camadas ditas “racionais” da sociedade, acreditavam que a leitura de histórias em quadrinhos afastava as

crianças dos livros e de leituras que abordavam assuntos mais sérios, causando prejuízos ao rendimento escolar, reduzindo o raciocínio dos leitores, além de provocar outras consequências mais graves. Os autores ainda acrescentam que:

(...) durante os anos que se seguiram às malfadadas campanhas de difamação contra elas, as histórias em quadrinhos quase tornaram-se as responsáveis por todos os males do mundo, inimigas do ensino e do aprendizado, corruptoras das inocentes mentes de seus indefesos leitores. Portanto, qualquer ideia de aproveitamento da linguagem em quadrinhos em ambiente escolar seria, à época, considerada uma insanidade. A barreira pedagógica contra as histórias em quadrinhos predominou durante muito tempo e, ainda hoje, não se pode afirmar que ela tenha realmente deixado de existir. Mesmo atualmente há notícias de pais que proíbem seus filhos de lerem quadrinhos sempre que as crianças não se saem bem nos seus estudos ou apresentam problemas de comportamento, ligando o distúrbio comportamental à leitura de gibis (VERGUEIRO *et al.*, 2018, p. 16).

Entretanto nas últimas décadas do século XX, os quadrinhos começaram a ressurgir, rompendo com visões preconceituosas que se propagaram durante determinado período. Mostrando mesmo que timidamente, todo seu potencial educativo, trazendo de maneira divertida, abordagens temáticas de grande relevância, despertando um novo olhar por parte dos intelectuais e pesquisadores. Vale ressaltar que o redescobrimto das histórias em quadrinhos aconteceu na Europa, quando muitos sujeitos perceberam que as acusações atribuídas as HQs careciam de fundamentos, era apenas ideias preconceituosas que estavam sendo disseminadas. Segundo Vergueiro *et al.* (2018),

(...) a percepção de que as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas de forma eficiente para a transmissão de conhecimentos específicos, ou seja, desempenhando uma função utilitária e não apenas de entretenimento, já era corrente no meio “quadrinhístico” desde muito antes de seu “descobrimto” pelos estudiosos da comunicação (p. 17).

A partir dessa percepção houve o surgimento das primeiras revistas de histórias em quadrinhos educativas, envolvendo temáticas que abordavam valores defendidos pela religião católica, histórias em quadrinhos que propagavam ideologias de determinados países e até mesmo HQs que serviam como material de instrução para o treinamento de tropas de guerra.

O Brasil também apresenta importantes contribuições para a história das HQs, as revistas *Vida Fluminense* e *Revista Ilustrada* foram as primeiras a publicarem Histórias em Quadrinhos. Grandes obras e autores nacionais merecem destaques,

sendo assim, podemos citar a revista “Tico Tico” publicada em 1905, “A Turma do Pererê” (1960), “A Turma da Mônica” (1970), e a obra intitulada “O Menino Maluquinho” (1980), dentre outras produções de sucesso. Em relação aos quadrinistas brasileiros de maior destaque, mencionamos os seguintes: Ziraldo Alves Pinto, Maurício de Sousa e Henrique Souza Filho mais conhecido como Henfil.

Sobre o uso das HQs no processo educativo nos dias atuais, Santos (2001) enxerga os quadrinhos como um material capaz de transmitir conhecimentos, considerando-os como uma importante ferramenta pedagógica. Logo salientamos que as histórias em quadrinhos possibilitam aprendizagem aos sujeitos. O autor ainda acrescenta que as “HQs necessita ser melhor compreendida e explorada por educadores, pais e outros membros (...)” (p. 46).

Em seu trabalho intitulado “Aplicações da História em Quadrinhos”, Santos (2001) realiza uma breve abordagem sobre o desinteresse da geração atual quanto à leitura. O autor defende que as histórias em quadrinhos podem incentivar o gosto pela leitura, pois os quadrinhos além de utilizarem o entretenimento apresentam uma linguagem acessível para as crianças, em detrimento de outros textos, podendo assim ser considerado como primeiro passo para a formação do leitor. Santos (2001) alega que “a criança que não lê nem história em quadrinhos, tampouco se sentirá disposta a enfrentar textos didáticos, literários e informativos” (p. 47).

A História em Quadrinhos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso (...) (SANTOS, 2001).

Paiva (2017) partilha da ideia defendida por Santos. Para ele as HQs apresentam-se como uma fonte de conhecimentos e mesmo quando se trata de temáticas complexas, consegue utilizar uma linguagem fácil e acessível que facilita a compreensão do leitor. Ele ainda cita em sua obra Vergueiro (2006), que também defende que os quadrinhos são indispensáveis para inserir os sujeitos nas práticas de leitura, e que os leitores de HQs estão muito mais propensos a se tornarem leitores de outros gêneros, de diferentes tipologias textuais. Além disso, as HQs trazem uma diversidade de informações, abordando uma variedade de temas, servindo também para ampliar o vocabulário dos leitores. Paiva (2017) acrescenta que “podemos entender a leitura das HQs como uma das maneiras de mediação,

transmissão e também de apropriação de cultura e, portanto, de realização do processo de educação” (p. 62).

No plano pedagógico, os quadrinhos proporcionam experiências narrativas desde o início do aprendizado, fazendo os alunos adquirirem uma nova linguagem. Crianças e adolescentes seguem a história do começo ao final, compreendem seu enredo, seus personagens, a noção de tempo e espaço, sem necessidade de palavras sofisticadas e habilidades de decodificação. As imagens apóiam o texto e dão aos alunos pistas contextuais para o significado da palavra. Os quadrinhos atuam como uma espécie de andaime para o conhecimento do estudante (LUYTEN, 2011, p. 06 *apud* PAIVA, 2017, p. 63).

A junção de palavras e imagens facilita o entendimento sobre diversas abordagens, até mesmo para aqueles sujeitos que ainda não são alfabetizados. Mesmo que estes não consigam realizar a leitura das palavras, serão capazes de entender as ilustrações e conseqüentemente estarão aprendendo algo novo. Portanto, afirmamos o enorme potencial didático-pedagógico das histórias em quadrinhos. Não podemos pensar e limitar as HQs apenas como um material que serve para entreter, pois possuem outras funções capazes de contribuir para o processo de ensino e de aprendizagem.

Na atualidade amplia-se, cada vez mais, a utilização das HQs no meio educacional. Em 1950 a Editora Brasil-América publicou alguns quadrinhos narrando a História do Brasil, esse material serviu de apoio para os materiais didáticos e foi utilizado por pais e professores. Não apenas os pais e os professores passaram a enxergar as histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica, mas a própria legislação educacional e os documentos oficiais.

O reconhecimento das HQs como uma maneira de auxiliar na prática pedagógica ocorreu oficialmente em alguns países, sendo um deles o Brasil, que em 1996 promulgou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Esses importantes documentos apresentaram ao ensino formal brasileiro as HQs como um instrumento da educação, especialmente como ferramenta interdisciplinar e transversal e como um gênero textual, no que se refere ao ensino e aprendizagem das linguagens (PAIVA, 2017, p. 70).

Em suma, percebemos o quanto as HQs vêm ganhando aceitabilidade e credibilidade no processo educacional seja ele formal ou não. Intelectuais, pais, educadores e os próprios documentos oficiais têm deixado de lado visões errôneas e preconceituosas que prevaleceram durante muito tempo sobre a utilização das

HQs. Esses passaram a acreditar no potencial educativo contido nas histórias em quadrinhos, enxergando-os não apenas como um material incentivador da aprendizagem da leitura e escrita, mas como ferramenta pedagógica que auxilia e resulta na aprendizagem dos diversos componentes curriculares no ambiente escolar.

Portanto, no próximo subtópico deste trabalho, é apresentada uma abordagem sobre as características que compõem o gênero textual história em quadrinhos, abordando detalhadamente cada um desses elementos, tendo em vista que o docente precisa ter total conhecimento desse gênero textual, para poder realizar um trabalho significativo com o mesmo.

2. OS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM O GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Segundo Vergueiro *et al* (2018), história em quadrinhos é um gênero textual que se enquadra na tipologia narrativa, e que apresenta como principais características a linguagem visual e verbal.

A **linguagem visual** refere-se às sucessivas imagens desenhadas que geralmente são apresentadas dentro de quadros, e conta uma determinada história ao leitor. Essas **imagens** se apresentam como um dos principais elementos que constitui as histórias em quadrinhos. Nos países do ocidente, essa sucessão de imagens deve ser lida de cima para baixo e da esquerda para a direita. Vale ressaltar que nem sempre essas imagens aparecerão dentro dos quadrinhos, pois, na atualidade, alguns autores já optam pela não utilização do quadrinho, ou seja, não utilizam a linha demarcatória separando uma imagem da outra. Além disso, Vergueiro *et al.*, deixa claro que “questões de enquadramento, planos, ângulos de visão, formato dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, gesticulação e criação de personagens, bem como a utilização de figuras cinéticas, ideogramas e metáforas visuais” (p. 34), são aspectos que fazem parte da linguagem visual das histórias em quadrinhos e conseqüentemente merece uma atenção especial no momento da construção de uma HQ. Os autores supracitados falam que na atualidade as histórias em quadrinhos já fazem uso de diferentes formatos de quadrinhos, eles também dizem que as linhas demarcatórias dos quadrinhos têm

funções específicas, por exemplo, linhas pontilhadas podem representar sonho do personagem.

Vergueiro *et al.*, abordam detalhadamente sobre as imagens das HQs apresentando algumas particularidades das mesmas como os planos e os ângulos de visão. Segundo Vergueiro *et al.*, (2018), “planos representam a forma como uma determinada imagem foi representada, limitada na altura e largura” (p. 40). Eles classificam os planos em:

Plano geral: Nesse tipo de plano, tanto os personagens como o cenário será representado completamente;

Plano total ou de conjunto: Representa o personagem completamente, porém, apresenta pouco detalhe do cenário;

Plano médio ou aproximado: Representa a figura humana da cintura para cima, detalhando os traços físicos e as expressões do personagem;

Plano americano: Nesse tipo de plano o personagem será representado do joelho para cima;

Primeiro plano: Através desse plano, o personagem será representado do ombro para cima, enfatizando sua expressão e o seu estado emocional;

Plano de detalhe, pormenor ou close-up: Esse plano serve para enfatizar parte de um objeto ou de uma figura humana.

Além de apresentar detalhadamente os planos que estão presentes nas histórias em quadrinhos, os autores supracitados também apresentam os ângulos que podem ser utilizados nas imagens das HQs. Segundo Vergueiro *et al.*, (2018), “os ângulos de visão representam a forma como o autor deseja que a cena seja observada” (43). Esses autores mencionam três tipos de ângulos de visão, que são: ângulo de visão médio, ângulo de visão superior e ângulo de visão inferior.

Ângulo de visão médio: Nas palavras de Vergueiro *et al.*, (2018), nesse tipo de ângulo “a cena é observada como se ocorresse à altura dos olhos do leitor” (p. 43);

Ângulo de visão superior: Nesse ângulo específico a ação é destacada de cima para baixo, sendo assim, os personagens vão sendo diminuídos;

Ângulo de visão inferior: Ao contrário do ângulo de visão superior, nesse ângulo de visão inferior a ação será evidenciada de baixo para cima. Esse tipo de ângulo é bastante utilizado quando se deseja destacar certo personagem, assim como, o protagonista da história.

É importante ressaltar que em uma história em quadrinhos não encontramos apenas um tipo de plano e ângulo. Os criadores de HQs costumam diversificar os planos e ângulos nas histórias em quadrinhos. Nas palavras de Vergueiro *et al.* (2018):

Logicamente, nenhuma história em quadrinhos irá utilizar planos e ângulos de visão de uma maneira uniforme. Para tornar a leitura mais dinâmica e atrativa, costuma-se alternar os diversos planos e ângulos, fazendo com que um plano geral preceda um plano médio, utilize-se um plano de detalhe para inserir um clima de suspense na narrativa, retrate-se os personagens de cima para baixo nos momentos em que vivenciam grandes perigos ou ameaças e por aí afora (p. 45).

Após discutir sobre a linguagem visual das histórias em quadrinhos, os autores mencionados anteriormente discorrem sobre como deve ser a **montagem** das histórias em quadrinhos. Referente à montagem das HQs, os autores falam sobre a atenção especial que devemos ter ao elaborar a **primeira página**, o **título da história em quadrinhos** e a **página final**. Geralmente a página inicial da história em quadrinhos apresenta um grande quadro com uma cena que contextualiza o leitor em relação à história que será narrada ao longo da HQs, mas isso depende muito da criatividade do autor. Em relação ao título da HQs, podemos dizer que ele é primordial para despertar o interesse ou não do leitor. O título deve aparecer na primeira página da história em quadrinhos e deve ser atrativo. Sobre a página final, os autores dizem o seguinte:

Em termos gráficos, as histórias em quadrinhos geralmente se encerram com um quadro maior, normalmente um grande plano, ao pé do qual se coloca a palavra “fim” ou, no caso de final provisório, alguns indicativos do que poderá ocorrer no próximo episódio (VERGUEIRO *et al.*, 2018, p. 51).

Ao abordar os elementos que constituem as histórias em quadrinhos, os autores supracitados ainda acrescentam que uma das características desse gênero textual são os **protagonistas** e os **personagens secundários**. Os protagonistas das histórias em quadrinhos diferem dos demais personagens nos aspectos físicos, sociais e intelectuais, geralmente essa figura é representada pelo herói da história. Já os personagens secundários, geralmente recebem pouca relevância e costumam ser representados de forma estereotipada. Inclusive os autores fazem uma crítica a esse tipo de representação estereotipada que aparece nas HQs. De acordo com Vergueiro *et al.* (2018),

(...) muitas histórias em quadrinhos tendem a firmar-se em estereótipos para melhor fixar as características de um personagem junto ao público. Este tipo de representação traz em si uma forte carga ideológica, reproduzindo os preconceitos dominantes na sociedade. E não se trata apenas de representar o herói com uma figura agradável ao olhar e o malfeitor com traços ou situações que fortalecem a visão estereotipada de raças, classes, grupos étnicos, profissões etc. Ainda que hoje em dia esses estereótipos já não tenham a mesma agressividade que tinham no início dos quadrinhos, representações de determinados grupos podem surgir nas histórias em quadrinhos de forma ostensivamente preconceituosa (p. 53).

Além da linguagem visual presente nas histórias em quadrinhos, outra característica marcante é a **linguagem verbal**. Retomando as palavras de Vergueiro et al. (2018):

Sendo um sistema de significação que utiliza dois códigos em interação, parte da mensagem das histórias em quadrinhos é passada ao leitor por meio da linguagem verbal. Esta vai aparecer principalmente para expressar a fala ou pensamento dos personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas apresentadas, mas também estará presente em elementos gráficos, como cartazes, cartas, vitrines etc (p. 55).

É importante ressaltar que quando tratamos da linguagem verbal das histórias em quadrinhos não podemos deixar de falar sobre o balão de fala, a legenda e as onomatopeias. A seguir é discutido sobre cada um desses elementos.

O balão: O balão pode ser compreendido como o espaço no qual aparece as falas dos personagens das HQs. Nas palavras de Vergueiro *et al.* (2018),

Como característica única dos quadrinhos, o balão representa uma densa fonte de informações, que começam a ser transmitidas ao leitor antes mesmo que este leia o texto, ou seja, pela própria existência do balão e sua posição no quadrinho. Ele informa que um personagem está falando na primeira pessoa. A presença do balão ligado por um prolongamento chamado rabicho, apontando um personagem, é uma alerta ao leitor, dando-lhe a seguinte mensagem: “Eu estou falando!” (p. 57).

Nas histórias em quadrinhos, os balões devem ser organizados respeitando uma ordem de leitura, dando sequência e sentido a narrativa. Segundo Vergueiro et al. (2018), “balões colocados na parte superior esquerda do quadrinho devem ser lidos antes daqueles colocados à direita e abaixo” (p. 57). É importante ressaltar também que os balões podem apresentar diferentes formatos e a partir disso ter funções diferentes. Os autores supracitados apresentam alguns exemplos de balões, veja a seguir:

Balão com linhas tracejadas: Indica que os personagens estão falando em voz baixa;

Balão em formato de nuvem com o rabicho elaborado como bolhas que dela se desprendem: Indica que o personagem está pensando sobre algo;

Balão com traço em zig-zag: Significa que a voz emitida é proveniente de um aparelho eletrônico ou indica que o personagem está gritando;

Balão no qual o rabicho é levado para fora do quadrinho: Indica que a voz emitida é de alguém que não está sendo representado no quadrinho;

Balão com múltiplos rabichos: Indica que vários personagens estão falando ao mesmo tempo.

Além do formato dos balões, o tipo de letra dos textos que aparecem dentro dos balões, apresenta funções específicas. Segundo Vergueiro *et al.* (2018):

(...) o texto contido no balão, além de sua mensagem principal, ou seja, o significado das palavras, também transmite uma mensagem específica de acordo com o tipo de letra que é utilizado para sua composição. Normalmente, as mensagens contidas nos balões são grafadas em letras de imprensa maiúsculas, fechando-se a mensagem com um ponto de exclamação. Quando se referem a uma conversa em tom normal, as letras não surgem com qualquer elemento distintivo; em outras ocasiões, elas podem receber tamanho e forma diferenciados, que acrescentam significado ao enunciado principal (p. 60).

Quando o tamanho da letra é menor que o normal, ela está indicando que o personagem está falando em um baixo tom de voz, isso pode indicar submissão, timidez e outras atitudes relacionadas. Já quando a letra aparece em tamanho normal que o maior, em negrito, isso significa que o personagem está falando em um tom de voz alta, indicando dominação e comando. Por sua vez, quando as letras aparecem tremidas, e especialmente em tamanho maior que o normal, temos o indicativo de os personagens estão sentindo medo, pavor e susto. Os autores ainda acrescentam que quando as letras aparecem em alfabetos ou tipologias diferentes, há um indicativo de que o personagem está se comunicando em outro idioma.

Outro elemento que também faz parte da linguagem verbal das histórias em quadrinhos é a **legenda**. A legenda pode ser conceituada como o espaço destinado a fala do narrador. Sobre esse elemento Vergueiro *et al.* (2018) dizem o seguinte “a legenda é colocada na parte superior do quadrinho, devendo ser lida em primeiro lugar, precedendo a fala dos personagens” (p. 62).

Por fim, os autores supracitados apontam a **onomatopeia** como mais um dos elementos que caracterizam o gênero textual história em quadrinhos. As onomatopeias são caracteres alfabéticos que servem para representar os sons. São exemplos de onomatopeias o (*co-co-có-ri-có!*) que indica o canto do galo, o (*Bum!*) indicativo de explosão, o (*ZZZZZ!*) que representa o sono, o (*Smack!*) que significa beijo, entre outras variedades de onomatopeias existentes que atribuem sentidos e são utilizadas nas HQs.

Diante de toda a discussão teórica apresentada até aqui, envolvendo o surgimento das histórias em quadrinhos e a sua relação com a educação, e sobre as características desse gênero textual, no capítulo seguinte é apresentado os procedimentos metodológicos que foram utilizados nesta pesquisa, visando à aplicação das HQs em sala de aula, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

CAPÍTULO III: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A monografia intitulada “Produção de textos escritos a partir de uma sequência didática envolvendo o gênero história em quadrinhos” visou estimular os sujeitos a produzirem textos escritos através da utilização do gênero textual história em quadrinhos, para isso, foi proposto aos estudantes a escrita de HQs a partir do tema a história da cidade de Recife.

A seguir é discutido detalhadamente sobre os procedimentos metodológicos que foram necessários para o desenvolvimento desta pesquisa, apresentando, assim, a abordagem de pesquisa escolhida, as técnicas e os instrumentos necessários para a realização da pesquisa, o universo pesquisado, os sujeitos participantes da pesquisa e a metodologia de análise contemplada neste trabalho.

3. Natureza, meios e instrumentos da pesquisa

Tendo em vista que o presente trabalho contempla aspectos subjetivos, e não requer um tratamento estatístico, assumimos nesta pesquisa uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1994), “A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (p. 22). Partindo da pesquisa qualitativa, foi realizado uma pesquisa-ação com uma turma do 4º ano de uma Escola da Rede Municipal de Recife. De acordo com Franco (2005):

A pesquisa-ação assume uma postura diferenciada diante do conhecimento, uma vez que busca, ao mesmo tempo, conhecer e intervir na realidade que pesquisa. Essa imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado (p.490).

Quanto aos procedimentos metodológicos deste trabalho de pesquisa, primeiramente a pesquisadora elaborou uma diagnose (APÊNDICE - A) contendo 4 questões que buscavam verificar o gênero textual de preferência dos estudantes, os seus conhecimentos sobre as características das HQs e as suas habilidades de escrita. Ao inserir-se no campo de pesquisa, a pesquisadora aplicou a diagnose inicial com os estudantes de uma turma do 4º ano (Anos Iniciais do Ensino Fundamental). Salientamos que foi de suma importância a aplicação da diagnose no início da pesquisa, pois permitiu constatar os conhecimentos que os estudantes

apresentavam antes da pesquisa. A aplicação da diagnose correspondeu ao primeiro objetivo específico da pesquisa.

Após a aplicação da diagnose inicial, foi realizada uma observação sistemática, para conhecer previamente os sujeitos participantes da pesquisa e criar uma relação de aproximação com os mesmos. Foi necessário conhecer essa turma de modo prévio, para planejar uma sequência didática que fosse adequada ao seu nível e as suas necessidades de aprendizagens. Ressaltamos que a observação foi realizada em apenas 1 dia. Como descrito por Lakatos e Marconi (2003), a observação sistemática “realiza-se em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos. Deve ser planejada com cuidado e sistematizada. (...) o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação” (p. 193).

Em seguida, a pesquisadora planejou e aplicou uma sequência didática (APÊNDICE - C) envolvendo a produção de textos escritos a partir do gênero textual histórias em quadrinhos. Essa sequência didática propôs aos estudantes que produzissem em dupla histórias em quadrinhos sobre a cidade do Recife. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (p. 97).

Ressaltamos que após a realização dos procedimentos de coleta de dados discutidos acima, a pesquisadora passou a analisar os conhecimentos que foram construídos pelos estudantes ao longo da sequência didática.

3.1 Universo pesquisado

Como já foi mencionada anteriormente, esta pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Recife. Esta instituição fica localizada próximo ao conjunto habitacional do Cordeiro e foi fundada em 08 de setembro de 1998. O prédio da escola mantém-se conservado e organizado até os dias de hoje. As salas de aula são bem iluminadas e ventiladas. Além disso, a escola apresenta condições básicas de acessibilidade para cadeirantes e estudantes com outros tipos de deficiências.

Esta instituição escolar funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite) e oferece Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação de

Jovens e Adultos (EJA). A escola tem um número de funcionários satisfatório para atender a demanda escolar.

Todos os docentes são formados em Licenciatura em Pedagogia, e a maioria desses profissionais são formados em cursos de pós-graduação. A instituição conta com professores efetivos e professores contratados para substituir os efetivos em possíveis casos de necessidades.

3.2 Sujeitos pesquisados

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram estudantes recifenses de uma turma do 4º ano de uma Escola da Rede Municipal de Recife. Essa turma possui 20 estudantes com faixa etária entre 09 a 11 anos de idade, sendo em sua maioria, crianças oriundas de famílias baixa renda que residem no Cordeiro e bairros circunvizinhos. Muitos desses estudantes residem no conjunto habitacional do Cordeiro que fica no entorno da escola (campo de pesquisa). Dentre esses 20 estudantes matriculados, 03 deles são pessoas com necessidades especiais, sendo um deles, deficiente físico motor, o outro é deficiente intelectual e o terceiro estudante ainda não tem um laudo definitivo.

A escolha pelos estudantes de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental como sujeitos participantes desta pesquisa, deu-se ao fato dos mesmos se encontrarem no penúltimo ano dos anos iniciais, ou seja, em transição dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para os Anos Finais do Ensino Fundamental, sendo necessário avançar em relação às habilidades de produção de texto, tornando-se capazes de construir textos coerentes, coesos e ortograficamente corretos. Além disso, optou-se por trabalhar com o tema a história de Recife, pois é algo que faz parte da identidade local dos estudantes, sendo de suma importância a abordagem dessa temática e a aprendizagem por parte dos estudantes.

3.3 Metodologia de análise

Para analisar os dados coletados no decorrer desta pesquisa, utilizou-se a metodologia de análise conhecida como análise de conteúdo. Trivínos (1987) recorre a Bardin para conceituar essa forma de análise, alegando que ela é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (Bardin, *apud* Trivinões, 1987, p. 160).

Por meio da análise de conteúdo, foi possível analisar os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados na pesquisa de campo, assim como, a diagnose aplicada no início da pesquisa e a sequência didática. E através disso, chegou-se às respostas das questões problematizadoras levantadas no início desta pesquisa, analisando assim, os conhecimentos construídos pelos estudantes a partir da sequência didática envolvendo a formação de produtores e o gênero textual histórias em quadrinhos. Pelo fato de os instrumentos de coleta de dados desta pesquisa tratar-se de materiais escritos, escolhemos esta metodologia de análise, devido a sua adequação para analisar materiais escritos. Conforme Trivinões (1987), “a intenção é usar o método de análise de conteúdo nas mensagens escritas, porque estas são mais estáveis e constituem um material objetivo ao qual podemos voltar todas as vezes que desejarmos” (p. 160).

CAPÍTULO IV: OS RESULTADOS ENCONTRADOS A PARTIR DESTA PESQUISA

Este capítulo traz uma discussão e análise dos dados que foram encontrados ao longo desta pesquisa, por meio de instrumentos como a diagnose e a sequência didática. Conforme já foi apresentado na metodologia deste trabalho, o primeiro procedimento metodológico foi à aplicação de uma diagnose inicial. Dito isso, neste primeiro momento de discussão e análise estaremos direcionando o nosso olhar para as respostas que foram coletadas a partir da diagnose inicial.

4. ANÁLISE DA DIAGNOSE

Este instrumento (APÊNDICE-A) auxiliou no levantamento dos conhecimentos prévios das crianças sobre o gênero textual história em quadrinhos (preferência, hábito de leitura, elementos textuais) e em relação ao tema que foi trabalhado ao longo da produção textual, história da cidade de Recife.

Como já foi dito anteriormente, a turma do 4º ano participante desta pesquisa, tinha 20 estudantes. Porém, no dia da aplicação da diagnose inicial, estavam presentes apenas 16. Para preservar a identidade dos sujeitos participantes desta pesquisa, optamos em chamá-los de acordo com as letras do alfabeto, exemplo, estudante a (Ea), estudante b (Eb) e assim sucessivamente.

4.1 Gênero textual de preferência dos estudantes

Dos 16 estudantes que responderam a diagnose inicial, 15 afirmaram gostar de ler histórias em quadrinhos, apenas uma alegou não gostar. Dos 15 estudantes que afirmaram gostar de HQs apresentaram como justificativas que as histórias em quadrinhos são divertidas, engraçadas e legais para ler. Eles ainda acrescentaram que é uma leitura rápida e que ajuda as crianças a aprender a ler. Alguns deles chegaram a afirmar que aprenderam a ler através das histórias em quadrinhos e disseram que têm o hábito de ler diariamente HQs. A estudante que afirmou não gostar de histórias em quadrinhos justificou que acha chato. Observe as respostas de alguns estudantes quando foram questionados se gostavam de histórias em quadrinhos e o porquê.

Ef: Sim. Porque a história em quadrinhos as pessoas conseguem ler melhor (...).

Eo: Porque eu aprendi a ler, é divertido, engraçado e bem legal e eu leio todos os dias sete horas da noite.

Diante das respostas coletadas, percebemos o gosto das crianças por esse gênero textual denominado história em quadrinhos, que insere as crianças nas práticas de leitura e de escrita de maneira lúdica e prazerosa. Segundo Santos (2001), as histórias em quadrinhos é um gênero textual capaz de despertar nas crianças o gosto pela leitura, devido a sua linguagem acessível e o seu potencial de entretenimento. Ele ainda afirma que a leitura de histórias em quadrinhos pode ser considerada como primeiro passo para a introdução do sujeito no mundo da leitura. Vimos então que essa afirmação de Santos (2001) é comprovada, quando as crianças participantes desta pesquisa demonstraram gostar de HQs pela sua facilidade de leitura e alguns afirmaram ter aprendido a ler por meio desse material.

Os sujeitos participantes da pesquisa também foram interrogados, em uma das questões da diagnose, sobre qual o gênero textual de sua preferência no momento da leitura. A maioria dos estudantes esboçou preferência pelas HQs. O relato da estudante abaixo indica que as crianças parecem estar sempre associando as histórias em quadrinhos com a leitura, alegando que esse material pedagógico auxilia no desenvolvimento da leitura. Vejamos a seguir o relato de uma das estudantes.

Eh: Eu prefiro histórias em quadrinhos porque é bem legal e ajuda as crianças a entrar no mundo da imaginação e a ler.

Do total de 16 estudantes, apenas três alegaram não ter preferência por um gênero textual específico, disseram gostar de quadrinhos e de outros gêneros, mencionando especialmente cartas e fábulas. Outros três estudantes afirmaram gostar de todos os gêneros textuais que foram citados, e apenas dois disseram que o seu gênero textual de preferência era a carta. Embora os estudantes tenham esboçado suas preferências por determinado gênero textual, notamos que a maioria teve dificuldade de justificar suas escolhas, sendo assim, as justificativas apresentadas foram pouco elaboradas.

4.2 Conhecimentos sobre o gênero textual história em quadrinhos

Ainda em relação à diagnose inicial a maioria dos estudantes demonstrou ter um conhecimento básico dos elementos que caracterizam o gênero textual história em quadrinhos. Porém, esses conhecimentos precisam ser mais aprofundados pelas crianças. Eles mencionaram como elementos que constituem as HQs o narrador, os personagens, os balões de fala de diferentes formatos e os desenhos. Vale ressaltar que os elementos mais citados nas respostas dos alunos foram o personagem e o narrador. Chamou-nos atenção que alguns estudantes citaram em suas respostas, aspectos muito peculiares das histórias em quadrinhos, como as cores dos quadrinhos e as sombras dos personagens. Apenas três estudantes responderam equivocadamente à questão que solicitava que fossem citados os elementos que fazem parte das HQs, talvez não tenham compreendido o enunciado da questão. Destacamos que apenas um estudante afirmou não saber quais são os elementos que caracterizam as histórias em quadrinhos.

Vimos que as características das HQs que foram apresentadas pelos estudantes coincidem com as apresentadas por Vergueiro *et al.* (2018), segundo esses autores as histórias em quadrinhos apresentam como características a linguagem visual (imagem) e a linguagem verbal que contempla os diferentes balões de fala, a legenda e as onomatopéias. Esses autores também acrescentam que o título da história, o protagonista e os personagens secundários são elementos fundamentais que encontramos nas HQs. Portanto, verificamos que nenhum dos estudantes mencionou o título da história como um dos elementos importantes nas HQs. Além disso, também percebemos que embora eles citem os personagens como uma das características desse gênero, eles ainda não conseguem estabelecer uma diferenciação entre os personagens que são protagonistas e os que são secundários. Mas em suma, eles já têm noções básicas desse gênero textual.

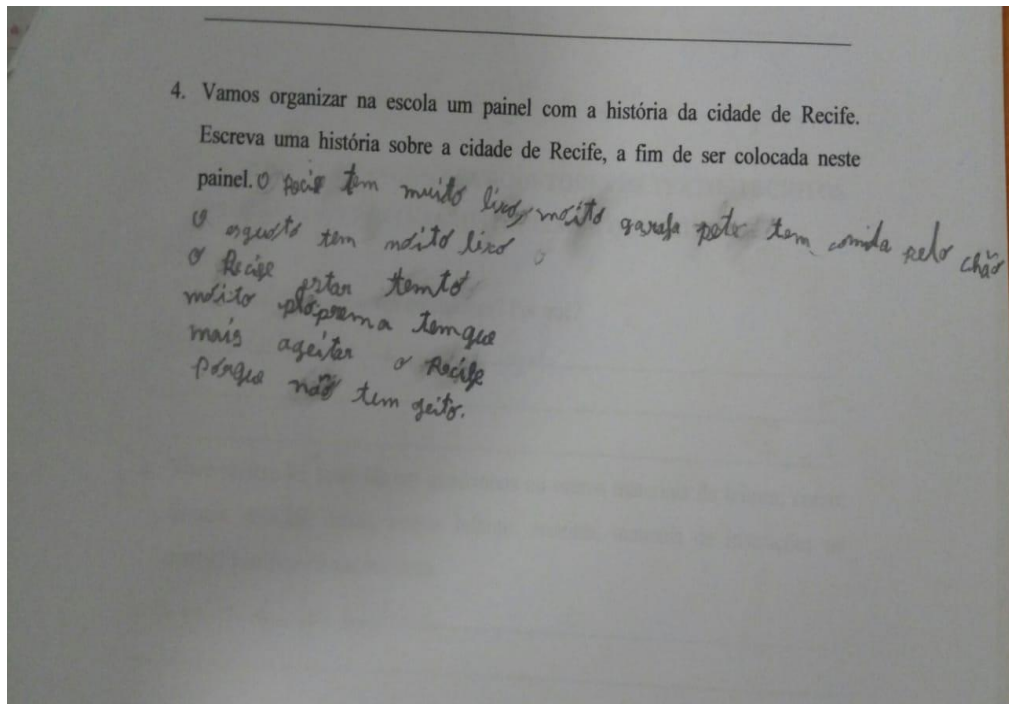
Quando os sujeitos participantes da pesquisa foram questionados onde aparecem as falas dos personagens das histórias em quadrinhos, 14 estudantes responderam que são nos balões de fala, apenas dois estudantes apresentaram respostas insatisfatórias. Isso nos confirma mais uma vez, que a maioria desses estudantes já tem um conhecimento básico em relação as HQs.

4.3 Produção de textos escritos a partir do tema “A História Local do Recife”

Constatamos que os estudantes participantes da pesquisa apresentaram muitas dificuldades em relação à produção de textos escritos. De modo geral identificamos problemas de ortografia, ausência de parágrafos nos textos, ausência de pontuação, até mesmo de sinais simples de pontuação como o ponto final. Além disso, notamos também que muitos estudantes iniciaram seus textos com letras minúsculas. Porém cada estudante apresenta suas particularidades em relação à escrita, apresentando alguns avanços e lacunas nas suas produções escritas. A seguir comentamos alguns casos específicos.

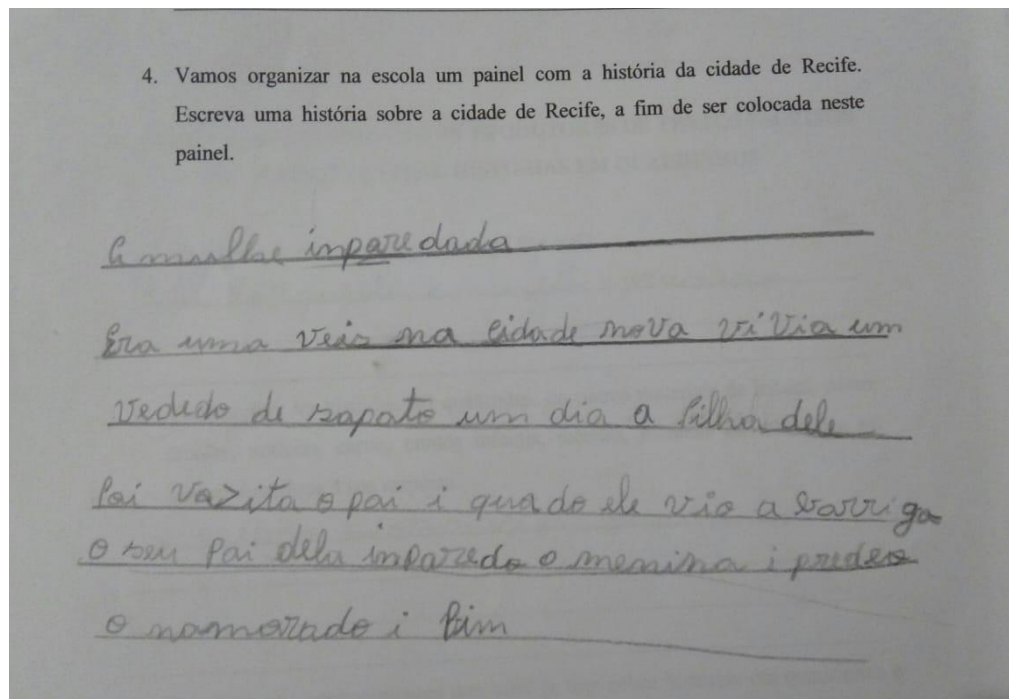
No texto elaborado por **Eb**, por exemplo, verificou-se que a estudante já conseguia produzir ideias mais complexas. Ela abordou, em seu texto os problemas sociais que afetam o Recife enfatizando a questão do lixo. Em seu texto, verificamos sinais de pontuação como vírgula e ponto final e as frases foram iniciadas com letras maiúsculas. Assim como a maioria da turma, essa estudante também apresentou problemas ortográficos, trocando o “r” por “l” e vice versa. Analisando os textos de outros estudantes também constatamos que existe uma confusão entre o uso de “m” e “n”, em alguns momentos, os estudantes acabaram trocando essas letras e usando-as incorretamente. Observe que no exemplo 1, a autora ao invés de escrever a palavra problema, escreve “ploprema”. Já no exemplo 2, a estudante escreve “inparedada” ao invés de emparedada. Ambos os textos trazem ideias bem elaboradas, porém são marcados por erros ortográficos.

Figura 1: texto com problema ortográfico.



Fonte: Silva, 2019.

Figura 2: texto que traz a palavra emparedada escrita incorretamente.



Fonte: Silva, 2019.

Um dos aspectos importantes que encontramos nos textos de alguns estudantes foram as marcas de correções, segundo Brandão (2007), quando as

crianças apagam algumas palavras do texto que está sendo escrito, isso indica que elas já são capazes de realizar a revisão textual mesmo sem o auxílio do professor.

Quando os estudantes foram solicitados para escrever um texto sobre a cidade de Recife, a maioria abordou sobre os problemas sociais, enfatizando a questão do lixo e da violência (assaltos e mortes). Alguns discutiram timidamente sobre as manifestações culturais que acontecem no Recife, citando algumas festas comemorativas. Outros ressaltaram a beleza natural dessa cidade, citando as praias, as áreas verdes e os parques. Diante disso, certificamos que existe certo desconhecimento por parte dos estudantes em relação à história da cidade de Recife. Os estudantes foram capazes de discutir sobre questões atuais, mas não souberam dissertar sobre o passado histórico do Recife, como por exemplo, o Recife no período colonial, a invasão dos portugueses e holandeses, a influência de Maurício de Nassau na construção do Recife e outros acontecimentos relevantes.

Diante dos 16 textos escritos pelos sujeitos participantes da pesquisa, dois nos chamaram atenção. Esses dois textos narraram sobre lendas urbanas do Recife. O texto escrito por **Ed** contou a história da “mulher emparedada”, ou seja, foi uma reescrita da lenda “a emparedada da rua nova”. É interessante ressaltar que diferente da maioria, essa estudante atribuiu um título ao seu texto e no final utilizou a palavra “fim”, mostrando assim, que já se apropriou de algumas características de gêneros textuais específicos. Embora o texto dessa estudante tenha apresentado alguns problemas ortográficos, Brandão (2007) diz que o professor ao realizar a leitura dos escritos dos estudantes deve considerar muito mais o que está sendo dito, se essas ideias estão coerentes e compreensíveis ao leitor ao invés de focar apenas nos aspectos ortográficos e normativos. Portanto, a produção textual de **Ed** estava compreensível e ainda mostrou que essa estudante enquanto cidadã recifense carrega memória que diz respeito à história do seu povo. Tendo em vista que essa lenda urbana narrada pela estudante faz parte do imaginário popular do povo recifense. Assim como **Ed**, **Ek** também trouxe em seu texto uma lenda urbana do Recife. Essa estudante recontou a lenda “monstro da várzea”. Em suma, esses dois textos nos chamaram atenção, pois remete a história local do Recife, tema que foi trabalhado na sequência didática deste trabalho e que está sendo discutida e analisada no tópico seguinte.

5. ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Este trabalho de pesquisa foi organizado em duas etapas: (1^o) planejamento e aplicação de uma sequência didática envolvendo o gênero textual história em quadrinhos (APÊNDICE - C); e (2^o) análise de textos dos estudantes que participaram das atividades desenvolvidas na sequência didática.

No primeiro momento de aplicação da sequência didática, a pesquisadora ministrou uma aula expositiva dialogada, utilizando recursos como slide, na qual abordou o gênero textual história em quadrinhos. Ela esclareceu as dúvidas e investigou os conhecimentos prévios que os estudantes já possuíam em relação as HQs. Na ocasião, a pesquisadora questionou os estudantes sobre: O que são as histórias em quadrinhos e qual é a função das HQs? Em seguida, apresentou as características desse gênero textual, assim como: a linguagem verbal (escrita) e a linguagem não-verbal (desenhos); os personagens (protagonistas e personagens secundários); os variados tipos de balões; a legenda; e as onomatopeias. Por fim, a pesquisadora instruiu os estudantes sobre como deve ser elaborada uma história em quadrinhos e aplicou uma atividade para verificar a aprendizagem dos estudantes em relação ao assunto que foi abordado. Durante essa aula, notou-se que os estudantes já conheciam previamente as características desse gênero textual, sendo capazes de citar quase todos os elementos que caracterizam as HQs. Apenas demonstraram desconhecer as características das onomatopeias. É importante ressaltar que os estudantes já compreendiam que, de acordo com o formato do balão, o mesmo apresentaria funcionalidades diferentes. As crianças foram capazes de identificar balões de fala, de grito, de sussurro, de pensamento e outros. Acredita-se que esses conhecimentos prévios sejam provenientes do contato que as crianças têm com as HQs, pois embora muitas não sejam leitoras de textos informativos, literários e outros, elas demonstraram interesse e gosto pelas histórias em quadrinhos, conforme já foi discutido e comprovado na análise da diagnose deste trabalho.

Na aula seguinte, a pesquisadora abordou “A História da Cidade do Recife”. Nesse momento, ela levantou alguns questionamentos sobre o passado e o presente dessa cidade, tentando verificar os conhecimentos das crianças em relação a sua história local. Posteriormente ela abordou o Recife no período colonial, passando pela invasão e expulsão dos holandeses até o processo de modernização,

ou seja, Recife nos dias atuais. Além disso, a pesquisadora apresentou várias fotos, assim como, do Marco Zero, do Museu da Cidade do Recife, do Palácio do Campo das Princesas e de outros pontos históricos do Recife. As fotografias atraíram bastante a atenção das crianças, tendo em vista que muitas delas ainda não visitaram os patrimônios históricos da sua cidade. Nessa aula, notou-se que muitos estudantes já conheciam parte da história local, alguns falaram sobre os arrecifes e sobre a vinda de Maurício de Nassau e os seus feitos para o Recife. Acredita-se, que esses conhecimentos prévios sejam provenientes de aulas anteriores, pois a professora responsável pela turma já havia trabalhado sobre essa temática (história local do Recife) com a turma.

No momento seguinte, a pesquisadora recebendo o auxílio da professora, organizou as duplas. A formação das duplas se deu de maneira estratégica, tentando unir estudantes que estivessem em níveis de escritas diferentes, pois assim as trocas seriam mais enriquecedoras e um contribuiria para o avanço do outro. Nas palavras de Melo e Silva (2007):

Salientamos que a experiência tem mostrado que o trabalho em colaboração é muito produtivo para a aprendizagem dos alunos, sobretudo as duplas e os pequenos grupos têm se revelado uma boa opção, se os critérios de agrupamento forem adequados. Esse tipo de agrupamento possibilita que os alunos socializem seus conhecimentos, permitindo-lhes confrontar e compartilhar suas hipóteses, trocar informações, aprender diferentes procedimentos, defrontar-se com problemas sobre os quais não haviam pensado (p. 88).

Após a organização das duplas, os estudantes receberam instruções da pesquisadora para produzir os roteiros das suas histórias em quadrinhos, dando início as produções escritas que são discutidas e analisadas no tópico seguinte.

6. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PRODUZIDAS PELAS CRIANÇAS

No quadro abaixo, é exibido a categorização e os indicadores dos aspectos apresentados nas histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes do 4º ano.

Quadro 1 - Categorização dos aspetos encontrados nos textos dos estudantes.

| ASPECTOS APRESENTADOS NAS HQs PRODUZIDAS PELOS ESTUDANTES |
|---------------------------------------------------------------------------------|
| ASPECTOS REFERENTES À PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS |
| Dificuldades de gerar, selecionar e organizar as ideias |
| Problemas ortográficos |
| Problemas de pontuação |
| Problemas de acentuação gráfica |
| Problemas de legibilidade |
| Problemas de concordância nominal |
| Refletiram sobre as correspondências grafofônicas |
| ASPECTOS REFERENTES AO GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHOS |
| Apresentaram conhecimentos prévios sobre o gênero textual |
| Utilizaram elementos como textos, desenhos, personagens, legendas e balões |
| Priorizaram a linguagem visual |
| Apresentaram problemas na estrutura das HQs |
| Ausência de onomatopéias na maioria das HQs |
| ASPECTOS REFERENTES À HISTÓRIA LOCAL DO RECIFE |
| Apresenta conhecimento mínimo em relação à história local |
| Conhecem a figura histórica de Maurício de Nassau |
| Apresentam conhecimento em relação ao Recife colonial (época dos engenhos) |
| Desconhece a insurreição pernambucana (expulsão dos holandeses) |
| Desconhece a guerra dos mascates |
| Desconhece o processo de modernização do Recife |
| Apresenta pouco conhecimento referente à cultura material e imaterial do Recife |

Todas as categorias e indicadores que foram apresentados no quadro acima são discutidos nos subtópicos seguintes.

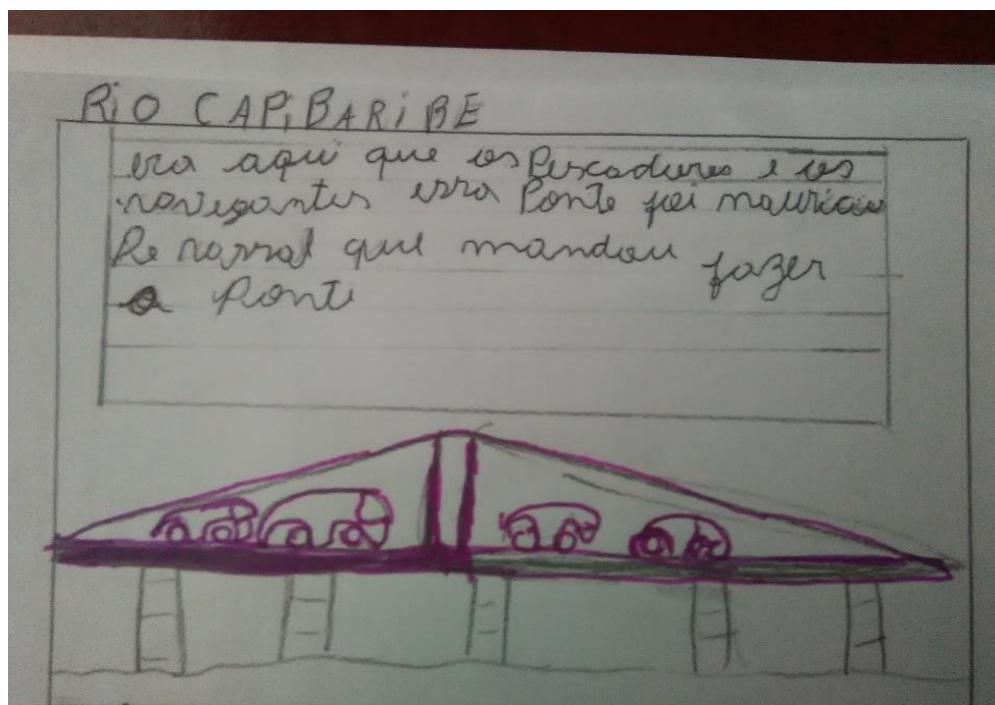
6.1 Aspectos referentes à produção de textos escritos

De todos os aspectos referentes à produção de textos escritos, ao analisarmos as HQs produzidas pelos estudantes da turma do 4º ano, ficou nítido que uma das maiores problemática foi à produção, seleção e organização sequencial das ideias nos textos. Conforme Silva e Melo (2007), no momento de produção textual:

O escritor se depara com a necessidade de gerar e selecionar ideias e conteúdos, de organizar linguisticamente tais ideias e conteúdos - o que envolve escolhas linguísticas apropriadas (textualização) - e de registrar o texto (...). Para isso, o produtor de textos necessita acionar uma série de conhecimentos (p. 37).

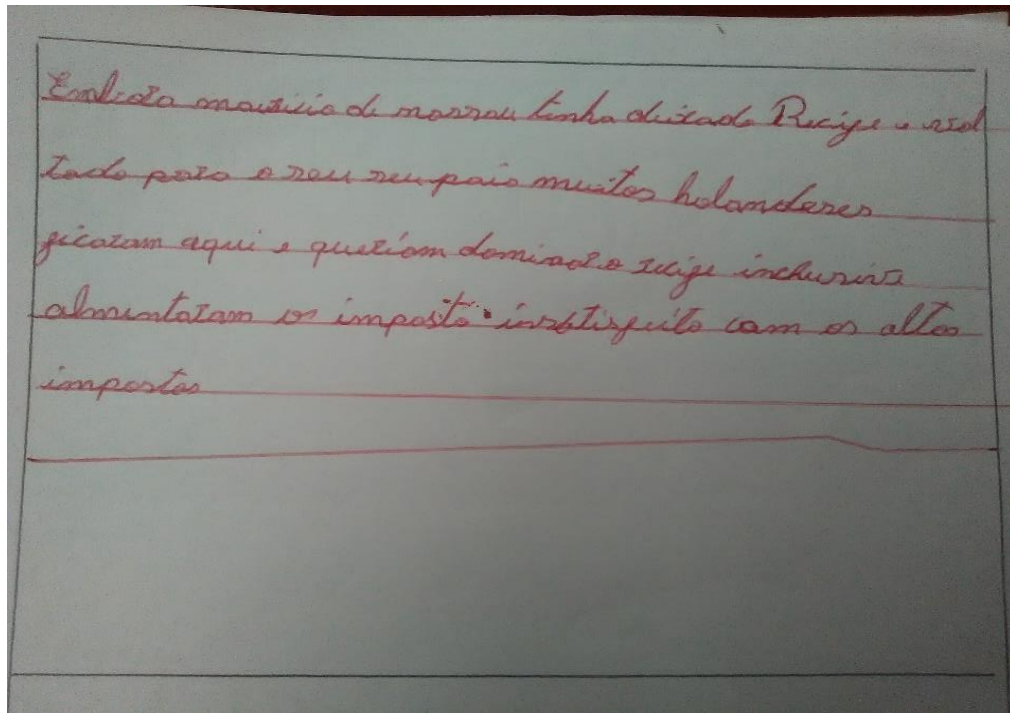
Observou-se que alguns estudantes, em seus textos, iniciaram determinada ideia, mas não finalizaram. E em seguida deram início a outra ideia, deixando o texto desconexo, ou seja, carecendo de coerência textual, assim como mostram os exemplos abaixo (Figura 1 e Figura 2):

Figura 3: Quadrinho que representa quebra de ideias textuais.



Fonte: Silva, 2019.

Figura 4: Quadrinho que também representa quebra de ideias textuais.



Fonte: Silva, 2019.

No primeiro exemplo, os autores falam sobre os primeiros moradores do Recife (os pescadores e navegantes), não concluem a ideia, não utilizam um ponto final e partem para falar sobre a ponte construída por Maurício de Nassau, gerando uma quebra de ideias no texto. Já no segundo exemplo, os autores falam sobre a disputa territorial entre portugueses e holandeses no Recife e conseqüentemente sobre a expulsão dos holandeses, porém a frase ficou incompleta e a ideia não foi finalizada.

Constatou-se durante a produção das histórias em quadrinhos aquilo que é dito por Leal e Brandão (2007), sobre os estudantes terem medo de escrever, de colocar suas ideias no papel, pois acreditam não ter competência para tal. Alguns estudantes sabiam narrar a história do Recife verbalmente, mas quando foram submetidos à prática de escrita diziam que não sabiam escrever, não sabiam o que colocar no papel. Mesmo os estudantes tendo recebido da pesquisadora um texto base, eles não apresentaram autonomia no momento da escrita, sentiam-se inseguros. Acredita-se que os mesmos precisam ser inseridos em práticas de escrita com mais frequência para que possam desenvolver habilidades e competências de um escritor. Leal e Brandão (2007) defendem que os professores quando estiverem trabalhando com produção de textos escritos, contemplem objetivos atitudinais, para

que os estudantes possam desenvolver autonomia e segurança durante as práticas de escrita.

Como defendido por Leal e Melo (2007), durante a pesquisa comprovou-se que a produção textual é um eixo da Língua Portuguesa que realmente precisa estar articulado com o eixo da leitura, pois através da leitura de outros textos o escritor aprende novas palavras; apropria-se das características dos gêneros textuais; e adquirem conhecimentos sobre várias temáticas que, posteriormente, podem ser apresentados em seus escritos, ou seja, recorremos à leitura de outros textos para ter o que dizer nos nossos textos. Diante disso, notou-se que as duplas que realizaram a leitura do texto base que abordava a história local do Recife, produziram histórias em quadrinhos mais coerentes, mais enriquecidas e com mais detalhes. Já as duplas que demonstraram desinteresse no momento da leitura do texto base, ou que até mesmo não o leram na íntegra, ou não leram o texto, apresentaram HQs com poucas ideias desenvolvidas, com erros ortográficos e não seguiram uma sequencial lógica necessária (com início, meio e fim) como é comum numa narrativa. A leitura realmente auxilia na escrita, pois vimos que alguns estudantes consultavam o texto quando tinham dúvidas sobre a escrita correta de determinadas palavras. Além disso, analisando as HQs, constatamos que algumas duplas parafrasearam trechos do texto base e apresentaram esses novos textos em seus quadrinhos, segundo Júlia Kristeva (1969), “todo texto se constrói como mosaico de citações e é absorção e transformação de um outro texto” (p. 146). Em contrapartida, vimos também que algumas duplas retiraram trechos do texto base e colocaram em suas HQs, o que não enxergamos como positivo, pois se a criança apenas copia trecho do texto do autor, ela está apenas reproduzindo informações, demonstrando uma falta de autonomia em sua escrita.

Não podemos deixar de discutir sobre alguns problemas que foram identificados nas histórias em quadrinhos dos estudantes. Identificamos problemas de pontuação, sabemos que um dos sinais de pontuação bastante utilizado nas HQs é a exclamação, porém, pouco foi utilizado nas histórias em quadrinhos dos estudantes. Em muitas HQs percebemos a ausência até mesmo de vírgulas e ponto final, separando e finalizando as ideias. Assim como percebemos que determinados textos careciam de vírgulas, percebemos também que algumas vírgulas foram utilizadas inadequadamente, ou seja, em frases que não havia necessidade. Observe que, no exemplo abaixo, as autoras utilizaram no título da história, uma

vírgula inadequadamente, pois a frase “Uma viagem pelo Recife” não exige vírgula, porém, entre a palavra “pelo” e “Recife”, verificamos que foi utilizado um sinal de vírgula.

Figura 5: Capa de uma HQs produzida por determinada dupla.



Fonte: Silva, 2019.

Outro problema identificado foi nos balões de fala dos personagens, verificou-se que em determinadas falas havia a necessidade de interrogação, pois tratava-se de um personagem dialogando e fazendo pergunta para o outro, mas esse sinal de pontuação não foi utilizado. Problemas ortográficos, de caligrafia, de acentuação gráfica, de concordância nominal, mais especificamente concordância em número, ou seja, algumas palavras que deveriam estar no plural apareceram no singular nos textos dos estudantes. Apesar dos estudantes, participantes da pesquisa, já se encontrarem no final dos anos iniciais do Ensino Fundamental, alguns ainda apresentaram uma caligrafia pouco desenvolvida, aspecto que precisa ser trabalhado e melhorado.

Outro aspecto que também merece ser comentado refere-se à correspondência grafofônica (relação de correspondência entre letras e sons). Alguns estudantes apresentaram dúvidas em relação à palavras escritas com “C” e palavras escritas com “L”. Por exemplo, uma dupla escreveu em sua história em quadrinhos a palavra

“Cidade” com a letra “S”, outras já escreveram “altores” ao invés de autores, “asumil” no lugar de assumiu, “alimentaram” ao invés de aumentaram. Muitas vezes quando os estudantes tinham dúvidas em relação à escrita de algumas palavras ou até mesmo relacionadas à temática, recorriam a pesquisadora ou ao texto base. Em alguns momentos quando a pesquisadora era questionada sobre a escrita de determinadas palavras, ela escrevia a palavra no quadro para que os estudantes pudessem escrever corretamente. Vejamos os trechos das falas de alguns estudantes:

Ek: Como se escreve cidade? É com “C”, é?

Eq: Legal no finalzinho é com “L” ou com “U”?

Comentários desse tipo são bastante enriquecedores no momento da escrita, pois provam que os estudantes estão refletindo sobre questões ortográficas, sobre o que estão escrevendo e conseqüentemente estão criando hipóteses de escrita.

Por fim, notou-se também, que alguns estudantes tiveram dificuldades de escrever palavras que se iniciam com “H” acompanhada de “O”, palavras como hoje e holandeses foram encontradas em alguns textos da seguinte forma “Oje” e “Olandeses”. Acreditamos que essa dificuldade se deve, pois ao pronunciarmos ambas palavras, não percebemos o som do grafema “H”, apenas da letra “O”. Logo as crianças acabam escrevendo da mesma forma que pronunciam.

6.2 Aspectos referentes ao gênero textual história em quadrinhos

Mais uma vez, reafirmamos que foi possível identificar que os estudantes já apresentavam conhecimentos prévios em relação ao gênero textual história em quadrinhos. Durante as aulas que foram ministradas pela pesquisadora, os estudantes conseguiram citar verbalmente vários elementos que caracterizam as HQs, assim como, os desenhos, os textos, os personagens, os balões, mas no momento de estruturar as histórias em quadrinhos apresentaram algumas dificuldades. Sabemos que o gênero textual história em quadrinhos é composto pela linguagem visual e pela linguagem verbal. De acordo com Vergueiro *et al.*, (2018):

As histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em sua plenitude. A grande maioria das

mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos (p.31).

Porém, notamos que os estudantes priorizaram em suas HQs a linguagem visual (desenhos), deixando em segundo plano a linguagem verbal (escrita). Acreditamos que esse fato se deve às dificuldades de produção de textos escritos que os estudantes apresentam. Portanto, quando os professores estiverem trabalhando com esse gênero, precisam ficar atentos para que ambas as linguagens sejam estimuladas e desenvolvidas. Observe a seguir, uma história em quadrinhos produzida por uma dupla participante da pesquisa. Nela fica explícito que os autores priorizaram mais a linguagem visual (os desenhos).

Figura 6: HQs que prioriza a linguagem visual.



Fonte: Silva, 2019.

Figura 7: HQs que prioriza a linguagem visual.



Fonte: Silva, 2019.

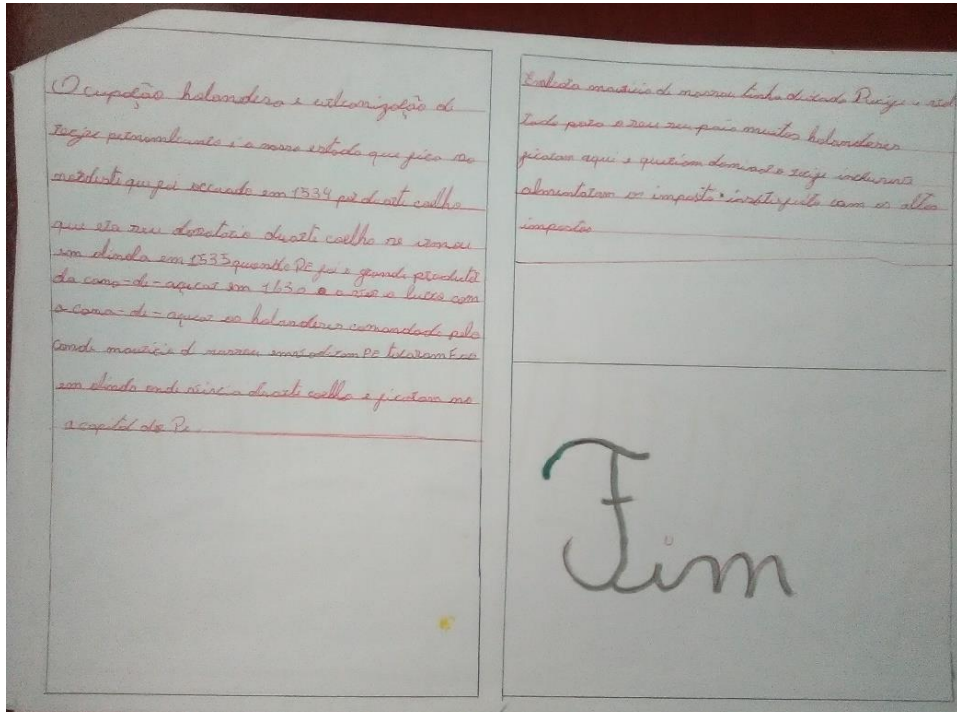
Também encontramos nas HQs analisadas, problemas relacionados à estrutura do gênero textual. Como já foi dito, as HQs são uma articulação de desenhos e textos escritos que dialogam entre si, permitindo assim, que o leitor compreenda a mensagem que está sendo transmitida. Porém, em uma história em quadrinhos que foi produzida por determinada dupla, verificou-se certa desestrutura, pois, a dupla colocou nos primeiros quadrinhos apenas os desenhos e nos quadrinhos finais somente os textos escritos, sem interligar a linguagem visual com a linguagem verbal. Observe essa lacuna na estrutura da HQs a seguir.

Figura 8: HQs que apresenta desestrutura no gênero.



Fonte: Silva, 2019.

Figura 9: HQs que apresenta desestrutura no gênero.



Fonte: Silva, 2019.

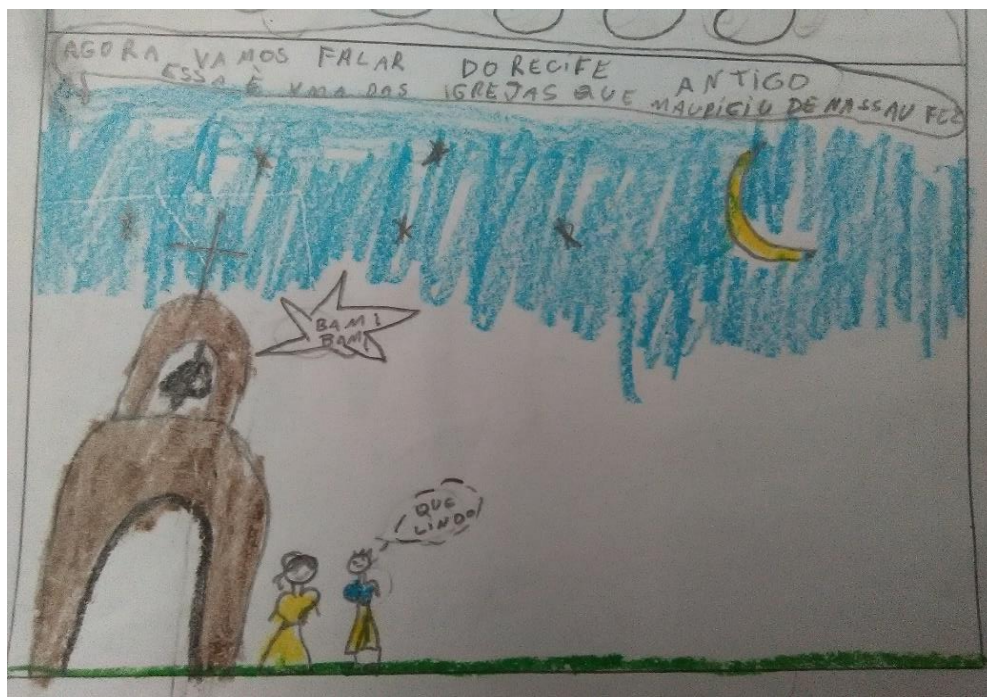
Além disso, também constatamos que os estudantes pouco utilizaram os balões de fala em suas HQs. Os textos escritos aparecem em sua maioria na legenda, ou seja, no espaço de fala do narrador. Sabemos que o diálogo entre os

personagens é uma das características mais marcantes das HQs, porém sentimos falta desse aspecto nas produções dos estudantes. Das poucas vezes que aparece os balões de fala nas HQs analisadas, percebemos que em algumas ocasiões ele foi utilizado inadequadamente, ou seja, aparece o balão de fala, mas não aparecem os personagens dialogando.

Tratando-se ainda dos balões, vimos no corpo teórico deste trabalho que existe uma diversidade de balões, ou seja, existem balões de fala, de pensamento, de ideia, de cochicho, de gritos entre outros. Segundo Vergueiro *et al.* (2018), cada balão de acordo com o seu formato apresentará uma funcionalidade diferente. De todas as histórias em quadrinhos analisadas, apenas duas HQs utilizaram balão com formato diferente. Uma utilizou o balão de grito e a outra utilizou o balão com múltiplos rabichos, indicativo de que várias pessoas estão falando ao mesmo tempo. Ainda sobre os balões, alguns estudantes relataram até mesmo, sentir dificuldades de fazer o formato dos balões.

Outro aspecto que também sentimos falta nas produções dos estudantes foram as onomatopeias. De todas as HQs que foram produzidas, apenas duas utilizaram onomatopeias, uma imitou o som do sino da igreja e a outra a buzina dos carros. Vejamos esse exemplo no quadrinho a seguir:

Figura 10: Quadrinho contendo onomatopeia.



Fonte: Silva, 2019.

Sobre a montagem das HQs, verificamos que a maioria apresentou os elementos básicos como capa, título (embora alguns estudantes não tenham explorado a imaginação e acabaram usando o mesmo título do texto base que eles receberam da pesquisadora). Alguns títulos foram pouco criativos. Entretanto Vergueiro *et al.* (2018) chama a atenção para esse aspecto, afirmando que o título da história deveria ser algo atrativo para despertar no leitor o interesse pela leitura. No desenvolvimento das histórias produzidas pelos estudantes, constatamos que eles utilizaram protagonistas e personagens secundários em suas histórias, ficou evidente nas HQs dos mesmos, que Maurício de Nassau representa o papel principal da história, ou seja, é o protagonista da história do Recife. Enquanto isso, os portugueses, indígenas, negros e holandeses apareceram mais como personagens secundárias. Mas é válido ressaltar que em algumas HQs, os portugueses e os holandeses ganharam mais destaque na história, assumindo um papel principal. Outro elemento que faz parte da estrutura das histórias em quadrinhos refere-se à palavra “FIM”, aspecto fundamental que deve aparecer no final da história, encerrando esse tipo de narrativa. Esse elemento apareceu em quase todas as HQs que foram produzidas, apenas duas não utilizaram a palavra “FIM”. Com isso, ficou nítido que os estudantes já sabem a importância de utilizar essa palavra para encerrar as histórias em quadrinhos.

6.3 Aspectos sobre o tema trabalhado: história local do Recife

Os estudantes participantes da pesquisa apresentaram conhecimentos históricos mínimos em relação à temática trabalhada, ou seja, a história local do Recife. Eles têm um conhecimento do início da história local do Recife, porém não conseguem aprofundar-se no desenrolar da mesma. De modo geral, foi possível identificar alguns aspectos mais recorrentes nas histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes. Na maioria das HQs são abordados: a relação do Recife com as águas do rio Capibaribe e Beberibe; os engenhos de cana de açúcar e a mão de obra escrava; os povos que viviam no Recife em tempos passados e que contribuíram para a construção dessa cidade, assim como, os indígenas, os portugueses, os negros africanos e os holandeses; a figura histórica de Maurício de Nassau e a sua contribuição para o desenvolvimento do Recife. Desses pontos mencionados, notou-se que o último é o mais enfatizado nas HQs produzidas pelos

estudantes. Exemplo disso, é que uma dupla intitulou sua história em quadrinhos como “A Cidade Construída por Maurício de Nassau”. Além disso, traz na capa da HQ, a imagem da Ponte Maurício de Nassau. A figura de Maurício de Nassau, como a ponte que carrega o seu nome e outros feitos atribuídos ao mesmo, como, a construção de igrejas, palácios (como o antigo palácio de Friburgo, atual sede do governador do Estado de Pernambuco), foram bastante frequentes seja na linguagem verbal como na linguagem não-verbal das HQs analisadas. Das oito histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes, apenas uma não cita, nem traz uma representação em forma de desenho da ponte Maurício de Nassau. A seguir são apresentados alguns trechos de histórias em quadrinhos que retratam a figura de Maurício de Nassau.

Maurício de Nassau assumiu o governo planejou ruas, pontes, viadutos para melhorar a imagem da cidade, que hoje atrai muitos turistas e é um grande polo comercial.

Figura 11: Quadrinho que cita a figura histórica “Maurício de Nassau”.



Fonte: Silva, 2019.

Figura 12: Quadrinho que menciona o nome de Maurício de Nassau.



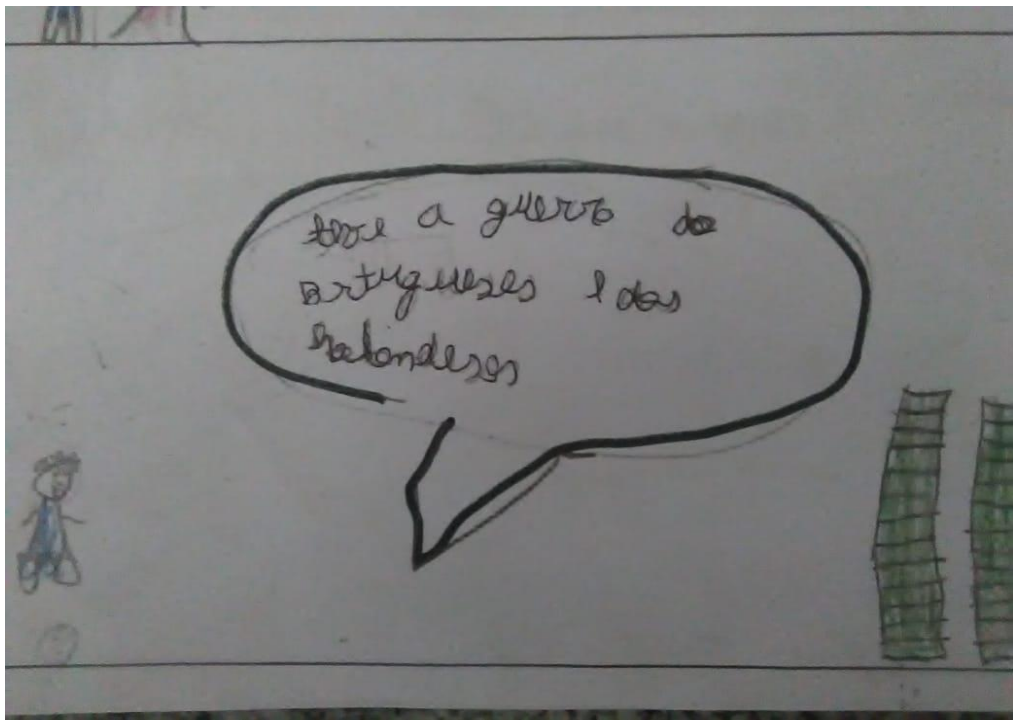
Fonte: Silva, 2019.

Em uma das histórias em quadrinhos, uma dupla desenhou duas pessoas dialogando e dentro dos balões de fala um personagem questionava o seguinte: “Quem foi Maurício de Nassau?”, no balão seguinte o outro personagem respondia: “Ele foi o governador do Brasil uma figura muito importante para o desenvolvimento do Recife”. Diante disso, fica evidente que os estudantes apresentaram um conhecimento consolidado em relação a esse aspecto que faz parte da história local do Recife. Conclui-se, dessa forma, que no entendimento das crianças, Maurício de Nassau foi uma figura muito importante para o desenvolvimento do Recife e seus feitos são memorados até o dia de hoje por essas novas gerações. Além disso, um segundo aspecto que aparece com frequência na maioria das HQs produzidas pelos estudantes, diz respeito à época dos grandes engenhos de cana de açúcar que se estabeleceram no Recife. Muitas histórias em quadrinhos trouxeram por meio de desenhos e de textos escritos, uma abordagem sobre a produção de cana de açúcar que acontecia no Recife no período colonial. Uma das histórias em quadrinhos traz o título “Recife: a cidade produtora da cana de açúcar”. Porém, fica explícito que o conhecimento histórico das crianças referente à história da cidade do Recife, limita-se a esses aspectos. Outros acontecimentos históricos relevantes não foram contemplados e/ou aprofundados nas HQs dos estudantes, assim como, a expulsão

dos holandeses, a guerra dos mascates, a separação de Recife e Olinda e o processo de modernização do Recife.

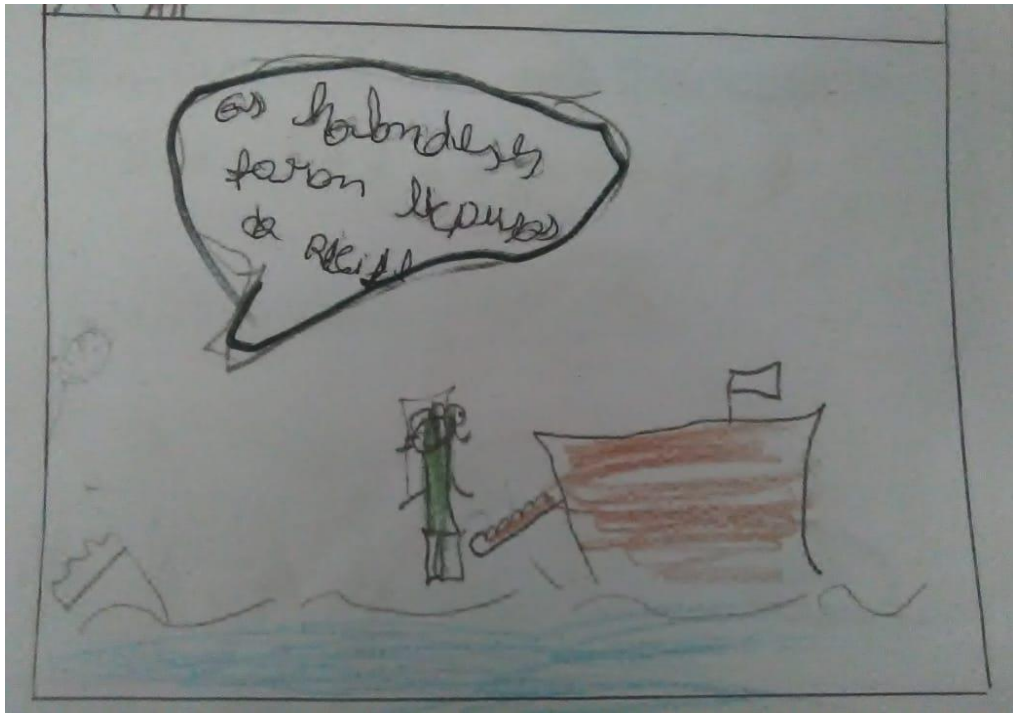
Das oito histórias em quadrinhos analisadas, notou-se que apenas uma fala explicitamente sobre a expulsão dos holandeses de Pernambuco. Duas falam superficialmente e nas outras cinco identificou-se a ausência e um desconhecimento dessa parte da história local. Entretanto sabemos que esse é um dos acontecimentos históricos de grande relevância para a história do Recife e deveria fazer parte do conhecimento das crianças recifenses. A expulsão dos holandeses, chamada de insurreição pernambucana, nada mais foi do que a insatisfação decorrente dos altos impostos que estavam sendo cobrados aos indígenas, negros e portugueses por parte dos holandeses. Devido a isso, todos esses povos se uniram e conseguiram expulsar os holandeses do território pernambucano. A seguir observe os trechos da única HQ que fala explicitamente sobre esse acontecimento histórico já mencionado.

Figura 13: Quadrinho que fala sobre os conflitos entre portugueses e holandeses.



Fonte: Silva, 2019.

Figura 14: Quadrinho que fala sobre expulsão dos holandeses.



Fonte: Silva, 2019.

Verificou-se também, que nas HQs das crianças pouco se foi falado sobre a guerra dos mascates. De todas as histórias em quadrinhos produzidas, apenas uma fala sobre a guerra dos mascates. Observe a seguir os trechos da HQ que falam sobre esse acontecimento.

Aqui no Recife teve muitas guerra por exemplo as guerra do mascate

A guerra dos mascates foi uma luta ente os comerciantes do recife e os donos dos engenhos de açúcar de Olinda

Outro ponto que também merece ser comentado, diz respeito à separação entre Recife e Olinda, até 1710 Recife era uma vila pertencente a Olinda. Porém, com o seu crescimento e evolução Recife separou-se de Olinda e tornou-se oficialmente uma cidade em 1823. Esse acontecimento histórico só é relatado em apenas uma das HQs produzida pelos estudantes, mesmo assim, esse fato é mencionado de forma sucinta. Além disso, foi possível verificar nas HQs dos estudantes que nenhuma delas abordou sobre o processo de modernização do Recife. Das oito histórias em quadrinhos analisadas, nenhuma delas mencionou a figura histórica de

Augusto Lucena, ex-prefeito do Recife que foi bastante influente nesse processo de modernização. Acrescentando-se a isso, foi observado também que os estudantes desconhecem muito dos aspectos da cultura recifense e os patrimônios históricos pertencentes a essa cidade. Apenas três histórias em quadrinhos trouxeram uma representação simbolizando o Marco Zero do Recife. E apenas uma citou o mercado de São José. Deixando de lado as igrejas, os palácios, os museus e tantos outros aspectos relevantes. Apesar disso, algumas HQs falaram sobre o carnaval recifense, destacando o frevo e o maracatu como aspectos da nossa cultura. Observe abaixo alguns trechos das HQs que fizeram referência a esse elemento cultural.

Nossa cultura no recife é uma mistura dos índios que já viviam aqui antes dos holandeses, dos europeus e dos negros trazidos da africa. Um marco para o recife é o seu carnaval famoso pelo frevo e maracatu.

no carnaval tem muito frevo aqui

nossa cultura vem do maracatu frevo carnaval capoeira

Diante de tudo que foi exposto, é possível afirmar que através deste trabalho de pesquisa, os estudantes tiveram acesso a conhecimentos históricos referentes à história local da sua cidade (Recife). Notou-se que mesmo de uma forma pouco aprofundada, eles conseguiram construir alguns conhecimentos relacionados às figuras históricas e aos acontecimentos que foram importantes para a construção e para o desenvolvimento do Recife. Ciente de que a maioria das pessoas nasce e mora por muitos anos em determinada cidade e desconhece a história da mesma, é importante desde os anos iniciais da Educação Básica, abordar essa temática em sala de aula, para que através disso os estudantes possam compreender em qual contexto histórico-social surgiu sua cidade, quais foram os acontecimentos e os sujeitos históricos que fizeram parte dessa história. A história local faz parte da identidade dos sujeitos. Logo, afirmamos que é importante que as crianças conheçam a origem da sua cidade para que possam atuar de forma mais crítica no presente, compreendendo a sua herança cultural seja ela positiva ou negativa

7. CONCLUSÃO

Embora tenhamos identificado através desse estudo que os estudantes do 4º ano da turma participante da pesquisa ainda apresentam muitas dificuldades de escrita, verificamos também que eles já refletem sobre a escrita e que deixaram em seus textos marcas de avanços. Acredita-se que essa dificuldade de escrita, infelizmente tão comum nos estudantes que se encontram nos anos iniciais, especialmente de escolas públicas, seja parcialmente resultado da ausência de trabalhos efetivos de produção de textos escritos nas salas de aula desde da Educação Infantil. De acordo com Leal e Brandão (2007), o trabalho de produção textual envolvendo diversos gêneros deve ocorrer e ser retomado em todos os anos de escolarização. Os estudantes precisam ser inseridos em diversas práticas de escrita que realmente desenvolvam a sua autonomia enquanto escritores, pois quando eles são inseridos nessas práticas e quando recebem as orientações e os auxílios necessários, conseqüentemente se desenvolvem como produtores de textos. Afirmamos isso, pois, durante esta pesquisa, uma das estudantes que alegou no momento da diagnose inicial, não gostar de escrever, de ler, nem de histórias em quadrinhos, foi uma das participantes que mais avançou na escrita durante a pesquisa, com o estímulo e o auxílio da pesquisadora. Diante disso e baseando-se nas ideias de Soares (2004), podemos afirmar que ninguém nasce escritor, as pessoas desenvolvem o gosto pela escrita, a partir das práticas de escrita nas quais são inseridas na sociedade.

Como o gênero textual história em quadrinhos faz parte do universo das crianças, e é um material atrativo que une desenhos e textos escritos, constatamos que as crianças se sentiram estimuladas a produzir textos a partir desse gênero, embarcando entusiasmadas na sequência didática que foi proposta. Logo, podemos concluir que as HQs contribuem para inserir as crianças tanto nas práticas de escrita, como nas práticas de leitura, como foi verificado em alguns relatos de crianças participantes desta pesquisa, que afirmaram ter aprendido a ler por meio das histórias em quadrinhos. Além disso, este trabalho mostrou que as histórias em quadrinhos é um material importante para colocar as crianças em contato com temáticas relevantes, tendo em vista que ao longo da sequência didática os estudantes tiveram acesso à história local do Recife e conseguiram construir conhecimentos importantes referentes à sua identidade local. Tudo isso nos fez

refletir sobre o potencial interdisciplinar do gênero textual história em quadrinhos, pois no momento em que os estudantes estavam desenvolvendo a escrita, aspecto da Língua Portuguesa, eles também estavam conhecendo a história local do Recife, conteúdo pertencente à disciplina de História.

Este estudo também nos evidenciou que o trabalho com a produção de textos escritos exige planejamento e tempo para ser realizado. Como afirma Silva e Melo (2007), escrever é uma atividade complexa que envolve vários aspectos. Logo, os professores precisam planejar variados momentos de escrita, utilizando-se de diversos gêneros textuais que circulam em nossa sociedade, especialmente aqueles que mais atraem a atenção dos estudantes e não apenas aqueles que circulam nos espaços escolares como os resumos, esquemas e outros que já vimos no corpo teórico deste trabalho. Além disso, alegamos que a escrita é uma atividade que exige tempo, pois o escritor necessita de tempo para criar as ideias que serão apresentadas no texto, textualizar e ainda precisa de tempo e uma atenção maior no momento da reescrita do texto. Infelizmente, devido ao curto tempo de duração desta pesquisa, não foi possível realizar juntamente com os estudantes a reescrita das histórias em quadrinhos que foram produzidas por eles. Mas entendemos que esse é um dos aspectos principais da atividade de escrita, sendo esse, um dos momentos em que o escritor mais avança na atividade de produção textual, pois reflete sobre aquilo que fez e promove mudanças necessárias, seja na estrutura do texto, na correção das palavras e na forma de apresentar determinadas ideias, dando mais sentido e coerência ao seu texto escrito.

Por fim, esta pesquisa também apontou que é bastante atrativo para as crianças trabalhar com a produção de textos através das lendas urbanas do Recife. Isso nos foi comprovado durante a aplicação da diagnose inicial e indica-nos uma futura possibilidade de trabalho de pesquisa, envolvendo mais um gênero textual que se encontra na dimensão do oral, mas que pode ser adaptado para o eixo da escrita e que conseqüentemente contribuirá para o exercício da escrita e para a formação de produtores de textos escritos.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M.; FIAD Raquel S. e MAYRINK-SABISON, Maria Laura T. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- BARBOSA, Alexandre.; RAMOS, Paulo.; VILELA, Túlio.; RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula.** 4.ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. A revisão textual na sala de aula: reflexões e possibilidade de ensino. In: LEAL, Telma Ferraz.; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. (Orgs.). **Produção de Textos na Escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental.** 1ª ed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 119 - 134.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília, 1997.
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** In: MINAYO, Cecília de Souza. (Org.). 11ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, et/dez. 2005.
- KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semanálise.** São Paulo: Debates, 1969.
- LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia/científica.** 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.
- LEAL, Telma Ferraz.; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. É possível ensinar a produzir textos! Os objetivos didáticos e a questão da progressão escolar no ensino da escrita. In: LEAL, Telma Ferraz.; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. (Orgs.). **Produção de Textos na Escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental.** 1ªed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 45 - 63.
- LEAL, Telma Ferraz.; MELO, Kátia Leal Reis de. Produção de textos: introdução ao tema. In: LEAL, Telma Ferraz.; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. (Orgs.). **Produção de Textos na Escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental.** 1ªed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 11 - 27.
- MORAIS, Artur Gomes de.; FERREIRA, Andréa Tereza de Brito. Avaliação do texto escrito: uma questão de concepção de ensino e aprendizagem. In: LEAL, Telma Ferraz.; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. (Orgs.). **Produção de Textos na Escola:**

reflexões e práticas no Ensino Fundamental. 1ª ed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 65 - 80.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática.** 18ª ed. ver. e ampl. Campinas, São Paulo: Papirus, 2016.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em Quadrinhos na Educação.** Salvador: Quadro a quadro, 2017.

ROCHA, Gladys. **A apropriação das habilidades textuais pela criança.** Campinas: Papirus, 1999.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações das histórias em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, São Paulo. (22): 46 a 51. set./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36995/39717>>. Acesso em: 30/01/18.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola.** Trad. Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Alexsandro da.; MELO, Kátia Leal Reis de. Produção de textos: uma atividade social e cognitiva. In: LEAL, Telma Ferraz.; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. (Orgs.). **Produção de Textos na Escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental.** 1ªed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 29 - 44.

SOARES, M. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, 2004, nº25.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A - MODELO DA DIAGNOSE QUE FOI APLICADA NO INÍCIO DA PESQUISA.

Escola: _____

Ano: ____ Nome do Estudante: _____

DIAGNOSE SOBRE FORMAÇÃO DE PRODUTORES DE TEXTOS ESCRITOS E O GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

1. Você gosta de histórias em quadrinhos? Por quê?

2. Você prefere ler histórias em quadrinhos ou outros materiais de leitura, como: fábulas, notícias, cartas, contos infantis, receitas, manuais de instruções ou outros? Justifique a sua resposta.

3. Com base nos conhecimentos que você já tem sobre histórias em quadrinhos e através dos quadrinhos abaixo, responda às questões a seguir:



A) Quais são os elementos que encontramos nas histórias em quadrinhos? Cite-os.

B) Onde aparecem as falas dos personagens nas histórias em quadrinhos?

4. Escreva um texto sobre a cidade do Recife.

APÊNDICE B - TEXTO BASE QUE FOI ENTREGUE AOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA.

A HISTÓRIA DA CIDADE DO RECIFE

Recife no passado (Época dos Engenhos de Açúcar)

Recife nem sempre foi essa cidade movimentada que conhecemos hoje, cheia de casas, prédios, pessoas e carros nas avenidas. No passado, Recife era um lugar cercado pelas águas dos rios Beberibe e Capibaribe, aqui moravam muitos navegantes e pescadores.

Quando falamos da história do Recife é importante falar de Olinda. Recife e Olinda são duas cidades vizinhas que possuem relação. Quando os portugueses chegaram aqui em Pernambuco para explorar as nossas terras, preferiram habitar em Olinda, mas ficaram interessados em desenvolver atividades econômicas no porto de Recife. O porto de Recife começou a ficar movimentado, recebendo navios que traziam e levavam mercadorias e escravos.

Por volta de 1537 muitos engenhos de açúcar começaram a ser construídos no Recife, quem trabalhava nesses engenhos eram os escravos negros trazidos da África. Os escravos eram presos e vendidos aos donos de engenhos, esses escravos eram castigados quando desobedeciam aos seus donos ou tentavam fugir dos engenhos. Naquela época, era muito comum presenciar no Recife o trabalho dos negros escravos nas ruas, feiras, lojas e nas casas dos senhores ricos. Os negros exerciam vários tipos de serviços, como: cozinheiras, moleques de recado, sapateiros, padeiros. Existiam muitos estabelecimentos destinados a compra e venda de escravos.

Invasão dos holandeses

Assim como os portugueses, os holandeses vieram para o Brasil para explorar as riquezas do nosso país. Mas ao chegar aqui, encontraram os portugueses e tiveram que lutar contra eles. Nessas lutas entre holandeses e portugueses muitos engenhos de açúcar foram queimados e destruídos, por exemplo, em 1631 os holandeses invadiram e incendiaram Olinda, isso fez com que muitas pessoas de Olinda fossem morar em Recife, deixando o Recife cada vez

mais habitado e movimentado.

Maurício de Nassau veio da Holanda e foi uma figura muito importante para o desenvolvimento do Recife. Ele decidiu habitar aqui no Recife e acabou se tornando o governador. Maurício de Nassau trouxe muitos artistas, engenheiros e arquitetos que colaboraram para a construção dessa cidade.

O governo de Maurício de Nassau disponibilizou recursos para os donos de engenhos comprarem escravos e máquinas para fabricar o açúcar. Ele também ordenou que fossem construídas ruas, escolas, igrejas, palácios e pontes no Recife. O Palácio de Friburgo e a Ponte Maurício de Nassau foram construídos nessa época. Atualmente o Palácio de Friburgo é o Palácio do Campo das Princesas (local onde fica o governador do Estado de Pernambuco). Em 1644 Maurício de Nassau deixa o Recife e volta para o seu país.

Expulsão dos holandeses

Embora Maurício de Nassau tenha deixado o Recife e voltado para o seu país, muitos holandeses ficaram aqui e queriam dominar o Recife, inclusive aumentaram os impostos. Insatisfeitos com os altos impostos que teriam que pagar aos holandeses, os negros, índios, brasileiros, portugueses e especialmente os donos de engenhos se uniram e organizaram várias lutas, conseguindo assim, expulsar os holandeses de Pernambuco em 1654. A expulsão dos holandeses de Pernambuco foi chamada de *Insurreição Pernambucana*.

Guerra dos Mascates

Com a saída dos holandeses do Recife, muitos comerciantes de Portugal conhecidos como “mascates” vieram para o Recife. A guerra dos mascates que aconteceu entre os anos de 1710 e 1711, foi à luta entre os donos de engenhos de Olinda e os comerciantes portugueses que habitavam no Recife, essa luta envolvia fatores econômicos e políticos.

Os donos de engenhos de Olinda estavam ficando pobres e precisaram pedir dinheiro emprestado aos comerciantes de Recife, depois acabaram não tendo dinheiro para pagar as dívidas. Além disso, os donos de engenhos de Olinda queriam continuar dominando Recife, mas o Recife estava enriquecendo e crescendo e acabou se separando de Olinda em 1710. No primeiro momento da guerra dos mascates os comerciantes de Recife foram derrotados, mas no final saíram vitoriosos dessa guerra. Enfim, podemos dizer que o Recife é uma cidade

que no passado teve várias lutas e guerras.

Recife nos dias atuais

No ano de 1823 o Recife se tornou uma cidade, atualmente é considerada a capital de Pernambuco. Muitos engenhos se transformaram em bairros. No ano de 1971 e 1973 na gestão do prefeito Augusto Lucena o Recife passou por um processo de modernização, muitos prédios foram destruídos e outros foram construídos inspirados na arquitetura da França.

Atualmente o Recife é uma cidade bastante movimentada, com muitos pontos históricos como o museu do Recife, o Marco Zero, o Cais do Sertão, o museu do Homem do Nordeste e tantos outros prédios e igrejas históricas. Além disso, é uma cidade com um comércio bem desenvolvido e com muitas festas culturais, sendo o carnaval uma das festas mais marcantes do Recife. O frevo faz parte da cultura do Recife. Essa cidade também recebe muitos turistas devido às belíssimas praias que existem por aqui.

Texto escrito por Adjane Melo (2019).

Referências:

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822 - 1850**. 2ª. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

Guerra dos Mascates. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/guerra-dos-mascates/>>. Acesso em: 25/07/19.

História do Recife: do surgimento aos dias atuais. Disponível em: <<https://visitarecife.com.br/historia-do-recife/>>. Acesso em: 25/07/19.

APÊNDICE C - SEQUÊNCIA DIDÁTICA UTILIZADA NO DECORRER DESTA PESQUISA.



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

IDENTIFICAÇÃO

Turma: 4º Ano (Anos Iniciais).

Disciplinas: Língua Portuguesa, Artes e História.

Duração: De Junho a Setembro.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Estimular a produção de textos escritos através do gênero textual história em quadrinhos.

Objetivos Específicos:

- Conhecer os elementos que caracterizam o gênero textual história em quadrinhos;
- Conhecer a história do Recife;
- Produzir histórias em quadrinhos a partir do tema “A História do Recife”.

CONTEÚDOS

- Gênero textual história em quadrinhos;
- História local.

EIXOS DE ENSINO

- Leitura;
- Escrita;
- Artes visuais.

RECURSOS

- Computador; impressora; retroprojeter e pen-drive.
- Folhas de papel ofício A4;
- Lápis;
- Lápis colorido e hidrocor.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**1º Momento**

Essa primeira aula será destinada para trabalhar exclusivamente com o **gênero textual história em quadrinhos**. Por meio de uma aula expositiva dialogada, fazendo uso de slides, a pesquisadora irá apresentar as características desse gênero textual, esclarecer as dúvidas e investigar os conhecimentos que os alunos já possuem em relação as HQs. Na ocasião, a pesquisadora abordará a função das HQs e os elementos que constituem esse gênero, assim como: a linguagem verbal (escrita) e a linguagem não-verbal (desenhos), os personagens (protagonistas e personagens secundários), os variados tipos de balões, a legenda e as onomatopeias. Para finalizar essa aula, a pesquisadora aplicará uma atividade para verificar a aprendizagem dos estudantes em relação ao assunto abordado.

2º Momento

Nessa segunda aula será trabalhada **a história da cidade do Recife**. A pesquisadora irá apresentar para a turma um recorte da história do Recife, desde o surgimento até os dias atuais, destacando as principais figuras e os acontecimentos que contribuíram para a construção dessa cidade. Nesse momento, será realizada uma abordagem que contempla desde o período colonial no Recife, passando pela invasão e expulsão dos holandeses, a guerra dos mascates, até o processo de modernização do Recife.

3º Momento

No terceiro momento a pesquisadora organizará os estudantes em dupla para que se iniciem as produções das HQs. As duplas receberão um texto que servirá como base para a construção das HQs sobre a cidade do Recife. Os

estudantes deverão ler o texto e a partir do mesmo e das duas aulas anteriores **construir o roteiro da sua história em quadrinhos**. Nesse momento, a pesquisadora estará novamente relembrando as características do gênero textual história em quadrinhos e sobre os elementos que são necessários para montar uma HQs.

4º Momento

Para esse momento, serão reservadas 6 aulas, nas quais as duplas deverão **produzir suas histórias em quadrinhos sobre a cidade do Recife**. Nessa ocasião, os estudantes deverão fazer a capa da HQs, escrever a história colocando-as nos balões de fala, desenhar e pintar os personagens e os cenários e finalizar as HQs.

Observação: Durante o momento de escrita das histórias em quadrinhos, a pesquisadora estará orientando os estudantes em relação à reescrita/refacção dos textos, tendo em vista que esse é um dos aspectos importantes e necessário na produção de textos escritos.

AValiação

A avaliação será contínua e processual, ou seja, ao longo da aplicação da sequência didática (durante as aulas expositivas e especialmente no momento da produção das HQs), será observado o envolvimento e a participação dos estudantes. As histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes consistem no principal instrumento avaliativo, que nos fornecerá informações sobre a escrita dos estudantes, apontando os avanços e as dificuldades que os mesmos apresentam no eixo da escrita.

APÊNDICE D - FOTOS DOS ESTUDANTES PRODUZINDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.

